

DE

defesa de ESPINHO



DIRECTOR: AMADEU MORAIS — 15-10-76 — SEMANÁRIO — N.º 2323 — ANO 45 — PREÇO 3500

editorial

Por AMADEU MORAIS

ECOS DO 5 DE OUTUBRO

O discurso proferido pelo Presidente da República, da varanda da Câmara Municipal de Lisboa, para assinalar as comemorações do 5 de Outubro, constitui um documento histórico, do mais alto mérito e significado, que foi pena não ter sido ouvido por todos os portugueses e que seria injusto deixarmos passar sem a referência que merece.

Mostrando-se profundo conhecedor do País que herdamos, da conflagradora ignorância do nosso povo, da facilidade com que grande parte dele se deixou manobrar, do estado a que chegamos por virtude de tais manobras, o Presidente da República estabeleceu o paralelismo e o confronto entre a situação que se seguiu ao 5 de Outubro e os tempos que vivemos, para produzir aquilo que, em nosso entender, constitui a afirmação mais válida da sua verticalidade, do seu desejo de cumprir tudo quanto nos prometeu quando candidato, e do seu propósito de conduzir sem tibiezas e com mão firme a nau portuguesa ao destino que a revolução dos capitães nos ofereceu com o seu manifesto inicial.

Sem ambiguidades, ficou nesse discurso bem esclarecido que passou o tempo dos arrivistas, dos incompetentes, dos golpistas de toda a espécie, que a revolução só pode salvar-se e prosseguir se todos se derem as mãos com honestidade e isenção, com lealdade de métodos e com interesse desinteressado pela Pátria comum; sem hesitações ainda, ficou claramente definido que o poder só pode ser legitimamente obtido e exercido por vias autenticamente democráticas e que a intransigência será absoluta contra todas as manobras, sejam elas palacianas, de quartéis, ou exteriorizadas através dos crimes hediondos que constituem a colocação de bombas e o lançamento de incêndios nas matas e florestas; e com clareza inequívoca ficou apontado aos portugueses o caminho do trabalho, da ordem e da auto-disciplina como meio único de se salvar o benefício inestimável que a revolução de Abril quis trazer-nos e que quer garantir-nos.

Discurso para meditar, para difundir e para ser observado por quantos queiram viver em paz e em liberdade e obter nesse ambiente a justiça social que se impõe, as palavras do Presidente da República constituem uma verdadeira lição de mestre que oxalá seja assimilada por todos os portugueses.

VISOR

UM FILÃO DESAPROVEITADO

A nossa piscina? Sim, de certo modo. Uma importante unidade sócio-turística para funcionar meia dúzia de meses, à espera de transformações que, naturalmente, levariam ao seu aproveitamento durante os doze meses do ano. Para quando, ali também, um tanque coberto de água aquecida?

Mas, se tudo isso é importante, quer para a população espinhense, quer sob a óptica turística, não o será menos a implantação, ali, de uma estância de talassoterapia. Claro, completíssima. Talassoterapia é a terapêutica por meio de água do mar. Já se faz alguma coisa, contudo muito longe de tudo quanto era possível. Para bem de quantos encontrariam cura ou melhoras para diversos padecimentos, — e está comprovado o valor curativo das águas do mar —, durante todo o ano, quer cidadãos nacionais, quer estrangeiros.

Espinho, um estância telessoterápica de fama nacional ou internacional?

Um sonho? Uma hipótese? Um filão desaproveitado, pelo menos!



A tomada de posse da Comissão Instaladora das Unidades de Saúde de Espinho

Revestiu-se para Espinho de particular significado o acto da tomada de posse da Comissão Instaladora das Unidades de Saúde de Espinho que decorreu no salão nobre do Hospital, no passado dia 4 do corrente, ao fim da tarde.

Estiveram presentes diversas individualidades locais e outras ligadas ao sector da Saúde, dando à cerimónia um ar de solenidade, própria duma região que quer ter um Hospital e os seus serviços de Saúde à altura das necessidades e capazes de darem resposta aos problemas mais variados que se poderão apresentar.

Agora já existe um conjunto de pessoas com poderes para conquistarem para Espinho aquilo de que Espinho tanto carece.

Já sabemos que o problema da assistência médica e medicamentosa não se pode resolver com a brevidade requerida. Porém ele tem de ser solucionado e quanto mais cedo e, rapidamente, se encarar a sua equação muito seriamente, e em moldes objectivos, cremos que a curto prazo todos beneficiaremos com tal trabalho.

Estamos convictos que o dr. Miranda Valente, presidente da referida Comissão, se irá entregar de alma e coração à conquista do lugar em que, dentro do «comboio da Saúde», Espinho quer «viajar». Os elementos que, com o presidente, formam a equipa, só por si garantem a certeza de, localmente, vermos resolvidos os problemas inerentes à saúde.

Do acto de posse da Comissão Instaladora das Unidades de Saúde de Espinho — Centro de Saúde, Dispensário S.L.A.T. e Hospital — destacou-se a presença do director de Saúde do Distrito de Aveiro, dr. Domingos Ferreira Afonso e Cunha que, depois de cumprimentar e felicitar os componentes da Comissão, lhes desejou felicidades para o seu trabalho em prol do Hospital.

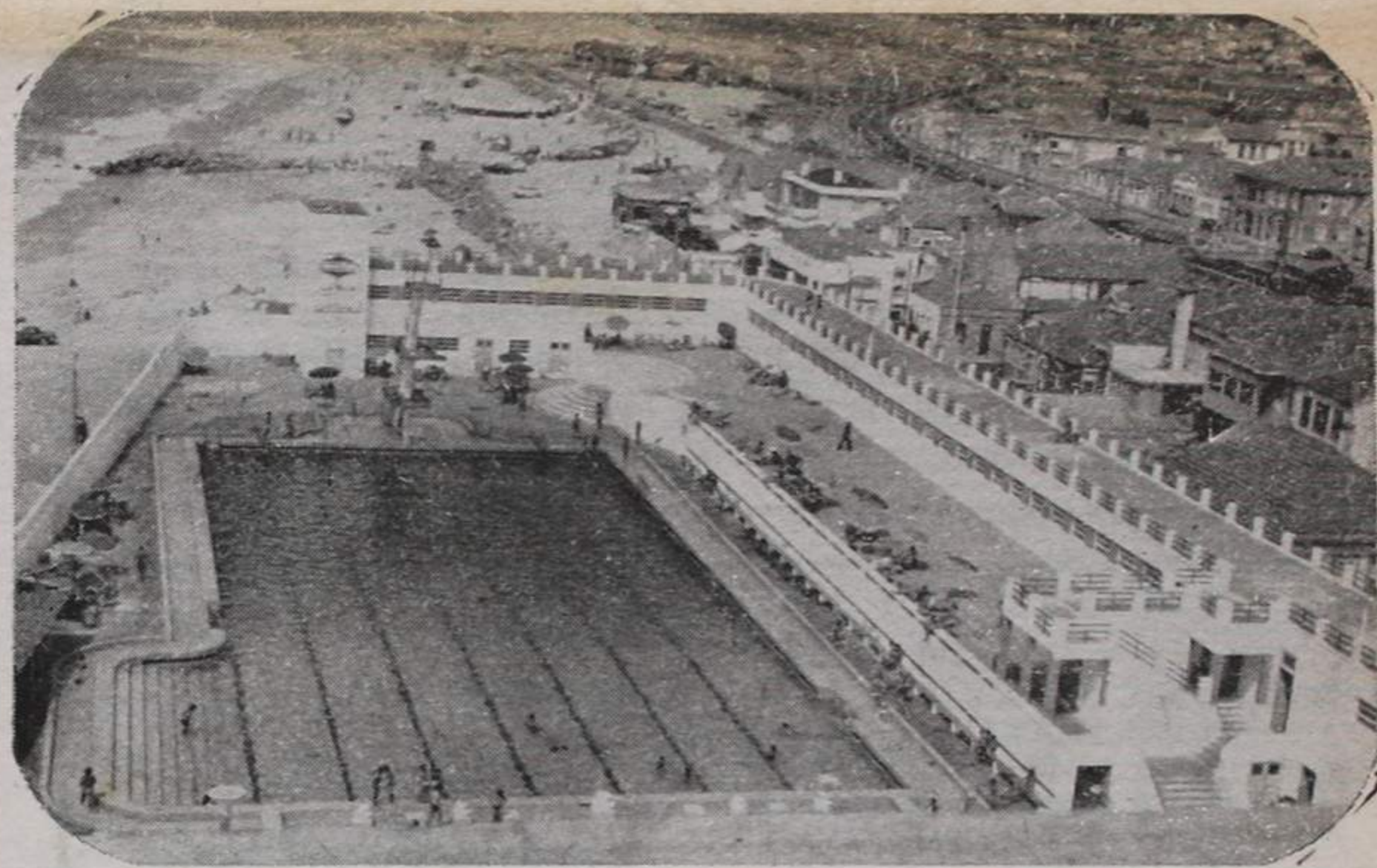
Salientou, a referida individualidade, a gratidão devida às Mesas Administrativas das Misericórdias pelo trabalho desenvolvido através dos séculos e exaltou o trabalho do pessoal médico e de enfermagem em serviço no Hospital.

A determinado momento do seu discurso o dr. Afonso e Cunha referiu que as potencialidades do Hospital não seriam afectadas pela nova forma de gestão hospitalar e, concretamente, que o Hospital de Espinho não sofreria qualquer retrocesso na sua capacidade de prestação de serviços à população, estando certo que o dr. Miranda Valente, como Presidente da Comissão, teria capacidade para desempenhar esse cargo e que poderia contar com o apoio oficial necessário.

As palavras do Delegado Distrital de Saúde terão sido escutadas com certa apreensão por parte dos presentes, mas, no final, ficou a ideia de que o Hospital de Espinho teria de caminhar, contudo e, apenas, para a frente e nunca com paragens ou retrocessos.

O Presidente empossado, dr. Miranda Valente, agradeceu a presença do Director de Saúde de Aveiro, assim como as referências à sua pessoa e prometeu em nome da Comissão toda a dedicação ao serviço do Hospital.

ALBERTO ABREU



LÁ FORA: UM ANO DEPOIS

Por MANEL

2. A INFORMAÇÃO

Como vem de longa data o nosso interesse pelos meios de comunicação, sempre que damos um salto a outros países procuramos inteirar-nos o melhor possível de como se passam as coisas por lá neste importante sector da vida pública. Avaliamos, pelo critério, da quantidade e qualidade de jornais e revistas (informativas, note-se, pois das outras, por falta de interesse, não nos ocupamos) e sintonizamos a rádio e T.V. E a partir daí fazemos a inevitável comparação com o que temos por cá. Comparação, digamo-lo já francamente e sem ilusão de dar novidade,

que não nos é nada favorável no seu todo.

Vamos mesmo passar sobre a Rádio e T.V., meios altamente especializados, em que é impossível fazer omeletas sem ovos; temos para nós que cada país tem a Rádio e T.V. que merece, em função do seu grau de desenvolvimento económico e cultural.

De toda a maneira, e num comentário pouco ortodoxo, diremos que nos países livres que conhecemos nos ficou a impressão duma Rádio e T.V. alegres, dinâmicos, ricos de variedade e tom local. Por cá, ligamos

(Continua na pág. 4)

NOVO CASINO VAI ARRANCAR



Ai se vê as traseiras do já «velho» Casino de Espinho e o parque de estacionamento, provisório, que assumiu o lugar da antiga Pensão Demério.

O «velho» Casino que irá abaixo e o neófito parque de estacionamento que também deixará de existir, darão lugar a uma nova unidade casinosa, na qual se investirá largos milhares de contos.

Também os quarteirões do antigo Palácio Hotel e da Associação Comercial de Espinho estão a ser objecto de negociações para que a Solverde neles construa importante bloco residencial.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

(Continuação do número anterior)

TÍTULO V

Governo

CAPÍTULO I

Função e estrutura

ARTIGO 185.º

(Definição)

1. O Governo é o órgão de condução da política geral do país e o órgão superior da administração pública.

2. O Governo define e executa a sua política com respeito pela Constituição, por forma a corresponder aos objectivos da democracia e da construção do socialismo.

ARTIGO 186.º

(Composição)

1. O Governo é constituído pelo Primeiro-Ministro, pelos Ministros e pelos Secretários e Subsecretários de Estado.

2. O Governo pode incluir um ou mais Vice-Primeiros-Ministros.

3. O número, a designação e as atribuições dos Ministros e Secretários de Estado, bem como as formas de coordenação entre eles, serão determinados, consoante os casos, pelos decretos de nomeação dos respectivos titulares ou por decreto-lei.

ARTIGO 187.º

(Conselho de Ministros)

1. O Conselho de Ministros é constituído pelo Primeiro-Ministro,

pelos Vice-Primeiros-Ministros, se os houver, e pelos Ministros.

2. A lei pode criar Conselhos de Ministros especializados em razão da matéria.

3. Podem ser convocados para participar nas reuniões do Conselho de Ministros os Secretários e Subsecretários de Estado.

ARTIGO 188.º

(Substituição de membros do Governo)

1. Não havendo Vice-Primeiro-Ministro, o Primeiro-Ministro será substituído na sua ausência ou impedimento pelo Ministro que indicar ao Presidente da República ou, na falta de tal indicação, pelo Ministro que for designado pelo Presidente da República, ouvindo o Conselho da Revolução.

2. Cada Ministro será substituído na sua ausência ou impedimento pelo Secretário de Estado que indicar ao Primeiro-Ministro ou, na falta de tal indicação, pelo membro do Governo que o Primeiro-Ministro designar.

ARTIGO 189.º

(Cessação de funções)

1. As funções do Primeiro-Ministro cessam com a sua exoneração pelo Presidente da República.

2. As funções de todos os membros do Governo cessam com a exoneração do Primeiro-Ministro.

3. As funções dos Secretários e Subsecretários de Estado cessam com a exoneração do respectivo Ministro.

4. Em caso de demissão, os membros do Governo cessam de exercer as funções até à posse do novo Governo.

CAPÍTULO II

Formação e responsabilidade

ARTIGO 190.º

((Formação))

1. O Primeiro-Ministro é nomeado pelo Presidente da República, ouvindo o Conselho da Revolução e os partidos representados na Assembleia da República e tendo em conta os resultados eleitorais.

2. Os restantes membros do Governo são nomeados pelo Presidente da República, sob proposta do Primeiro-Ministro.

ARTIGO 191.º

(Programa do Governo)

Do programa do Governo constarão as principais medidas políticas e legislativas a adoptar ou a propor ao Presidente da República ou à Assembleia da República para execução da Constituição.

ARTIGO 192.º

(Solidariedade governamental)

Os membros do Governo estão vinculados ao programa do Governo e às deliberações tomadas em Conselho de Ministros.

ARTIGO 193.º

(Responsabilidade política do Governo)

O Governo é politicamente responsável perante o Presidente da República e a Assembleia da República.

ARTIGO 194.º

(Responsabilidade política dos membros do Governo)

1. O Primeiro-Ministro é responsável politicamente perante o Presidente da República e, no âmbito da responsabilidade governamental, perante a Assembleia da República.

2. Os Vice-Primeiros-Ministros e os Ministros são responsáveis politicamente perante o Primeiro-Ministro e, no âmbito da responsabilidade governamental, perante a Assembleia da República.

3. Os Secretários e Subsecretários de Estado são responsáveis politicamente perante o Primeiro-Ministro e o respectivo Ministro.

ARTIGO 195.º

(Solicitação de voto de confiança)

O Governo pode solicitar à Assembleia da República a aprovação de um voto de confiança sobre uma declaração de política geral ou sobre qualquer assunto relevante de interesse nacional.

ARTIGO 197.º

(Moções de censura)

1. A Assembleia da República pode votar moções de censura ao Governo sobre a execução do seu programa ou assunto relevante de interesse nacional, por iniciativa de um quarto dos Deputados em efectividade de funções ou de qualquer grupo parlamentar.

2. As moções de censura só podem ser apreciadas quarenta e oito horas após a sua apresentação, em debate de duração não superior a três dias.

3. Se a moção de censura não for aprovada, os seus signatários não podem apresentar outra durante a mesma sessão legislativa.

(Continua)

AGRADECIMENTO

LUDUVINA DE BASTOS

Domingos Francisco de Bastos e demais Família vêm por este único meio agradecer a todas as pessoas que os acompanharam na sua dor, bem como às que assistiram à Missa de 7.º dia, realizada na Igreja Matriz de Espinho.

Maria Custódia Enguião dos Santos

Modista de Alta Costura a trabalhar nesta cidade, aguarda a visita das Ex.mas Senhoras.

Rua 30, n.º 1004-1.º
ESPINHO

EXPLICAÇÕES

CICLO, LICEUS E TÉCNICAS

MATEMÁTICA, FÍSICA

Telefone n.º 920836

Auto Internacional

Peças e Acessórios para Automóveis

Av. 24 n.º 1001—Telef. 923028
ESPINHO

PASSA-SE

POMAR AUGUSTA

Rua 19 - 215 — ESPINHO
Falar no próprio ou pelo

Telef. 921665

PAPELARIA ATLÂNTICO NORTE, LDA.

Av. 24 n.º 1013—Telef. 922776
ESPINHO

(em frente à «Feira»)

Agente da «Texas Instruments»
Material de Escritório
Livros Escolares

ALUGA-SE

A PROFESSORES, CAVE MOBILADA, LUZ NATURAL, 3 BONS QUARTOS, 2 QUARTOS DE BANHO.

Telefone, 921246

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

PASSA-SE

SALÃO DE CABELEIREIRA POR MOTIVO DE DOENÇA DA PROPRIETÁRIA.

Contactar pelo telefone 921896

MÉDICO

AGOSTINHO DA SILVA PEDROSA

MÉDICO ESPECIALISTA EM DOENÇAS DA CRIANÇA

Consultório: Rua 19, n.º 343-1.º
Sala B - Espinho — Telef. 920634

Consultas diárias, excepto aos sábados; marcações a partir das 15 horas.

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

Precisa-se com alguma prática. Falar Fábrica de Papel de Paramos, Lda., dias úteis, das 11 às 12 horas.

PRECISA-SE

TRICOTEIRAS COM MÁQUINA PRÓPRIA PARA EXECUTAREM TRABALHOS NA SUA PRÓPRIA RESIDÊNCIA.

Falar na Rua 9 N.º 676

TELEFONE, 922236

ESPINHO



SEMANÁRIO (AVENÇADO)

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525

Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»

TIRAGEM MÉDIA 2.600 EXEMPLARES

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Avisam-se todos os alunos que continuam abertas as inscrições até ao dia 25 do mês corrente das seguintes disciplinas:

Institutos ALEMÃO, BRITÂNICO e FRANCÊS. Iniciação ao Francês e Inglês, 1.º e 2.º ano de PORTUGUÊS e todas as disciplinas referentes ao ENSINO ARTÍSTICO (Música e Ballet). Os diplomas e certificados dos exames dos Institutos referentes ao último ano lectivo serão entregues em data a designar.

MANECURE

PRECISA-SE

ORDENADO E PERCENTAGENS. SE NÃO ESTIVER HABILITADA ENSINA-SE. LUGAR DE FUTURO.

Carta à Redacção 1210

VENDE-SE

Terreno 360 m2 com casa devoluta. Central. 42 metros. Frente 2 ruas.

Tem estudo para Bloco, nove (9) habitações. Preço: mil contos. Motivo partilhas.

Carta à Redacção ao n.º 1310

COZINHEIRA

PRECISA-SE. BEM HABILITADA E COM BOAS INFORMAÇÕES. BOM ORDENADO.

Falar para o Telefone 920085

ASSIM VAI A CIDADE

A Avenida 24 é limpa pela Câmara Municipal e pela Junta Autónoma das Estradas

A Avenida 24 é das artérias da cidade com mais histórias para relatar. Hoje, apenas uma e esta muito pequena, mas apetitosa: — Sómente, uns meses depois, é que a Junta Autónoma mandou limpar as bermas da areia que, em tempos, mandou espalhar, para que o Sol não derretesse a «mini» camada de alcatrão que foi espalhada por cima dos paralelepípedos, numa espécie de um lavar de cara à pressa, para a «face» não destoar em relação à faixa de rodagem (camarária) aberta ali ao lado.

Enquanto a via que tem o sentido norte-sul é limpa pelos respectivos serviços da nossa Câmara Municipal a outra, cuja circulação faz a sua marcha no sentido sul-norte, somente pode ser limpa pelos cantoneiros da Junta Autónoma os quais, apenas, aparecem em Espinho uma vez de quando em quando.

Para que a referida faixa de rodagem possa ser limpa pelos serviços da nossa Câmara Municipal, ter-se-á de meter requerimento ao Ministro para ele autorizar. É a pura verdade.

Depois do 25 de Abril a burocracia mantém-se, com a agravante de nos atender agora encapotada e «democrática».

REMAR CONTRA A MARÉ

Por ARRAIS

Hoje é Domingo, dia 10, e está a chover a «potes».

Encontro-me na Avenida 24 e não consigo passar, a pé, de um lado para o outro.

A Avenida é um autêntico rio e os automóveis que por aqui passam têm que o fazer devagar a fim de não molharem as pessoas que se encontram abrigadas nos portais e outros foram-se abaixo das «caneletas», pois a água deve tê-los encharcado.

Não sei qual o motivo desta «cheia» na Avenida 24. Será que os «boeiros» são insuficientes para dar vazão às águas, ou encontram-se entupidos?

QUE SE PASSA NA TESOURARIA DA FAZENDA PÚBLICA?

Temos conhecimento que na tesouraria da fazenda pública existem umas modas novas no concernente a servir o contribuinte. Para além dum péssimo serviço de atender o público, que tem que fazer bichas enormes para ser atendido, a compra de selos fiscais obedece a dias certos e só mediante requisição entregue com prazos de antecedência estipulados. E por vezes faltam selos de determinadas importâncias. Também temos conhecimento dum contribuinte, residente em Albergaria-a-Velha, que veio pagar a contribuição e não foi atendido porque não estava no dia. Então nem para entrar dinheiro se atende? Ainda se fosse para lhe pagar...

SANITÁRIOS DA FEIRA

Encontram-se com todos os vidros partidos os sanitários da «feira» perto da escola da tourada.

Obra de meninos desmiolados que se comprazem a destruir o património dos cidadãos, exige-se uma vigilância aturada para pôr fim à brincadeira de mau gosto que diverte tais vândalos.

PEDIDO DE PUBLICAÇÃO DE ACHADOS

Encontram-se depositados na Secção da PSP à disposição de quem provar pertencer-lhe:

Vários pares de óculos; vários porta-chaves com as mesmas; várias argolas com chaves; vários tampões próprios para viatura automóvel; vários porta-moedas com algumas importâncias; vários capacetes de pro-

Reparei também que muita gente se abrigava no «abrigo» onde estiveram instaladas as bombas de gasolina, que agora passaram para um local mais apropriado e lembrei-me que não seria descabido utilizar, com algumas alterações, aquela «estação» que serviria perfeitamente os utentes das camionetas das carreiras que servem Espinho, que muitas vezes têm de estar à chuva a aguardar a sua passagem.

Por conversa que hoje tive com o proprietário daquele local, este está disposto a não destruí-lo, se a Câmara o pretender utilizar. Não será um caso a pensar?

tecção de ciclomotores; vários volumes com fósforos; vários relógios de pulso; várias quantias em dinheiro; várias bicicletas simples, sendo algumas de criança; várias camisolas em malha; uma passadeira, tipo carpete «Mimo»; uma varinha mágica de cozinha; um casaco de fazenda, próprio para criança; um saco em pergamoide, tipo lancheira; um guarda-chuva, próprio para homem; um sapato em café, próprio para criança; um anel em ouro branco; um saco em plástico de cor amarela, com várias fotografias, um garfo, colheres, facas, etc.; a importância referente a duas caixas de queijo que fora vendido por se prever a sua deterioração; e, outros artigos.

A PRAGA DAS MOTORIZADAS

Está patente aos olhos de toda a gente, e já diversas vezes o temos referido, a maneira como grande número de motorizadas, com os escapos abertos e em velocidades suicidas, infestam as ruas da Cidade e redondezas.

A acção das autoridades para tentarem amenizar estas anomalias é contrariada por grande parte dos transgressores que, além de não pararem às ordens dos agentes, não trazem chapa de matrícula para não ser possível a sua anotação, ou então o passageiro esconde-a com o vestuário ou doutra maneira.

Aguçou-nos a curiosidade termos visto, por acaso, num dos últimos dias, junto a um cinema cá do burgo, alguns agentes da Secção de Trânsito da PSP local a carregarem para uma furgoneta algumas motorizadas. Informou-nos o sub-chefe presente que eram das tais sem chapas de matrícula, iam para a esquadra para se apurar se tinham dono ou não! Concordemos que a medida foi bem tomada.

BURACOS NAS RUAS

Algumas ruas de Espinho, especialmente as pavimentadas a cubos, estão com acentuados desniveis que mais são próprios de caminhos sertanejos.

Não nos referimos aos habituais regos dos locais onde os Serviços Municipais fazem valas de abertura para ligação de água ou saneamento e que, remendados de qualquer maneira, ficam eternamente sem que seja feita uma segunda correcção.

É mesmo a umas buraqueiras provocadas pelas infiltrações de água. É conveniente a atenção de quem de direito para estes casos.

NASCIMENTOS

— Paula Susana, filha de Salvador de O. Pinto Santos e de Paula Maria Colaço Silva Santos.

— Maria Manuela, filha de António da Silva Oliveira e Berta Maria Ferreira Ribeiro.

— Sílvia Cristina, filha de Jorge Alves dos Santos Pereira e Maria de Fátima Pinho Guedes Pereira.

— Maria Joana, filha de António Augusto Leão de Sampaio Maia e Maria José Oliveira Gonçalves Sampaio Maia.

— Elizabete, filha de Manuel Bessa da Rocha e Irene Gonçalves Gomes da Rocha.

— Marco Paulo, filho de Fernando Ferreira da Piedade e Maria da Conceição Rodrigues Resende Ferreira.

— Pedro Miguel, filho de Albino Alves Monteiro da Silva e Margarida Maria Ascensão.

— Hugo Miguel, filho de António Dias de Pinho Branco e de Isabel Cristina de O. Aluá Branco.

— Rosa Maria, filha de Manuel Fernandes Pereira e de Maria José Pinto da Costa.

— Sónia Marisa, filha de Orlando Alberto dos Santos e de Beatriz do Céu Pinto Santos.

— Sofia Isabel, filha de Joaquim da Silva Araújo e Magda da Silva Pereira.

— Helder Renato, filho de Artur da Silva Oliveira e Maria Esmeralda de Pinho.

— Carla Alexandrina, filha de José Fernando Tomás Santos e Luzia Vieira Victoriano.

— Carla Marina, filha de José Augusto Rodrigues da Rocha e Maria Helena Gomes dos Santos.

— Jorge Alexandre, filho de Manuel de Oliveira Rodrigues e Rosa Maria Lopes Ferreira.

— Sónia Clara, filha de Álvaro de Oliveira Dias e Maria Rosa Alves de Jesus Dias.

— Carla Alexandra, filha de Salvador de Oliveira Pinto dos Santos e Paula Maria Colaço da Silva Santos.

CASAMENTOS

ESPINHO

— António de Oliveira Neves, com Maria Clotilde Gomes Caldas Romano.

— José Joaquim Ribeiro de Castro, com Rosa Maria Dias Salvador.

— Joaquim Pereira de Sousa, com Maria Olga Pena Pinto Ferreira.

SILVALDE

— Augusto Abel Pereira de Almeida, com Maria Flor Gonçalves de Oliveira.

— José Salvador Nunes Queirós, com Maria da Conceição Rodrigues Moreira.

— Joaquim Manuel da Silva Rodrigues, com Laurinda dos Santos Dias Paquete.

— César Emílio de Oliveira Santos, com Isabel Fernanda Duarte Loureiro.

FALÉCIMENTOS

— Ludovina Vilanova de Bastos, 80 anos, casada com Domingos F. de Bastos.

— Maria de los Dolores Lopez Pontvianne, 79 anos, viúva de Arlindo Domingues Pinto.

«DE» apresenta condolências às famílias enlutadas.

UM POSTO DE ABASTECIMENTO DE GASOLINA INAUGURADO NA AVENIDA 24

A cidade, dia após dia, vai-se apresentando mais valorizada no seu encanto que tem lugar um pouco por toda a parte, embora, ainda e infelizmente, não tenha chegado a toda a parte.

Recentemente chegou a vez da Avenida 24 ser motivo para benefícios, onde foi inaugurado um novo posto de abastecimento de combustível pertencente à firma local José Nunes Martins & Filho, Lda.

Simultaneamente, com a abertura do novo posto cessou o fornecimento do então existente, em frente das instalações da referida firma.

Obras novas, bem apresentadas e com fino estilo, bom seria que aparecessem por toda a cidade.

ALBERTO ABREU

À NAVALHADA

Foi capturado pelas 21,45 h do passado dia 10, António Alves Barbosa, casado, residente na Estrada, Anta, por numa contenda ter agredido gravemente no baixo-ventre, António Augusto Nicolau, casado e residente na Avenida 24 desta Cidade.

E CONTINUA À VONTADE...

Após aturadas diligências, a PSP desta Cidade conseguiu capturar José Belmiro Rodrigues de Oliveira, de 26 anos, solteiro, sem profissão nem morada certa, porque, no dia 1 do corrente, roubou a Diniz Rodrigues da Silva, residente nesta Cidade, uma mala com vários artigos de vestuário, documentos e um anel em ouro, tudo no valor aproximado de 5.700\$00.

Indivíduo com largo cadastro de agressões e furtos, foi apresentado ao tribunal desta comarca e depois de ouvido, mandado em paz...

Quem compreenda que nos elucide.

A CISMA DOS PÓPÓS

Numa operação STOP foi detido, no dia 12, pelas 20,30 h, Manuel Fernando Relvas Coelho de Barros, de 17 anos, solteiro, residente em Paços de Brandão.

O carro tinha sido roubado por um dos seus três acompanhantes que se puseram em fuga.

Depois de elaborado o respectivo auto foi entregue ao Tribunal.

METEU GASOLINA E PAGOU COM CHEQUE SEM COBERTURA

Apresentou queixa na PSP desta Cidade, o sr. José Nunes Martins, contra António da Silva Monteiro, por este lhe ter dado um cheque, que mais tarde foi devolvido por falta de cobertura, para pagar a gasolina que meteu no seu automóvel.

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Hoje, Sexta-feira, dia 15 — **O maluco no supermercado**, com Michel Galabru e Michel Serrault — À tarde para 6 anos, à noite para 10 anos.

Amanhã, Sábado, dia 16 — **Meninas bem**, com Renée Saint Cyr e Noel Roquevert — Para maiores de 18 anos.

Domingo, dia 17 — **Meninas bem**. Segunda-feira, dia 18 — **Não sei nada mas digo tudo**, com Pierre Richard e Daniel Prévost — À tarde para 6 anos, à noite para 10 anos.

Quarta-feira, dia 20 — **As aventuras eróticas dos 3 mosqueteiros**, com Achim Hammer e Peter Graf — Para maiores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 21 — **O padrinho de Hong Kong**, com Robert Lee e Joseph Ching — Para maiores de 18 anos.

CASINO

Hoje, Sexta-feira, dia 15 — **Inocência e turbamento**, com Edáige Fenech e Vittorio Caprioli — Interdito a menores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 16 — **O Rally das gozonas**, com Annie Libert e Pierre Dany — Interdito a menores de 18 anos.

Domingo, dia 17 — **Uma mulher da rua**, com Barbara Hershey e David Carradine — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Terça-feira, dia 19 — **O Cardeal**, com Tom Tryon, Romy Schneider e Carol Lynley — Para maiores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 21 — **Nunca ao domingo**, com Melina Mercoury e Jules Dassin — Não aconselhável a menores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Sábado — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
Domingo — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
Segunda-feira — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920052
Terça-feira — **Farmácia Santos** — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331
Quarta-feira — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
Quinta-feira — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

TELEFONES MAIS NECESSÁRIOS

Emergência 115
Bombeiros V. Espinho 920005
Bombeiros V. Espinhenses ... 920042
Hospital de Espinho 920327
Centro de Enfermagem de Espinho: dia 921587 - noite 922329
Praça de Táxis 920010
Posto Médico da Previdência 920664

marés

DIA	PREIA-MAR	ALT.	BAIXA-MAR	ALT.
16	22.30	2 ^m .44	14.51	1 ^m .50
17	23.40	2 ^m .60	16.15	1 ^m .47
18	12.01	2 ^m .80	17.33	1 ^m .28
19	12.51	3 ^m .06	18.32	1 ^m .01
20	13.35	3 ^m .34	19.20	0 ^m .72
21	14.18	3 ^m .59	20.04	0 ^m .46
22	15.00	3 ^m .78	20.46	0 ^m .27
23	15.42	3 ^m .87	21.29	0 ^m .18

Centro de Saúde de Espinho 921167
Câmara Municipal de Espinho 920020
Serviços Municipalizados 920040
P. S. P. 920038
G. N. R. 920085
Correios 920335
Abade de Espinho 920621
Auto-Viação Espinho 920323
Estação C.F. 920087

BICHAS... BICHAS...

BICHAS

Quotidianamente, deparamos com factos que, na realidade, por estranho que pareça e apesar de nos causarem engulhos, se vão repetindo maçadora e inconvenientemente, sem haver quem lhes ponha cobro.

E nós, cidadãos, seres humanos, somos os sacrificados!

É o caso das bichas. Não, não pensemos que Espinho-cidade, e os espinhenses, andam a ser importunados por alguma epidemia de bicharada. Não. Falamos das bichas, que por aí proliferam, compostas por filas longas de pessoas que, para resol-

Por PAULO MALHEIRO

verem problemas do quotidiano, têm de gramar, penosa e demoradamente, tempos infintos até serem atendidas.

A nosso ver, parece-nos que, muitas das vezes, os assuntos se resolveriam sem a necessidade das famigeradas bichas, que, ainda, têm o inconveniente de, por vezes, quando chega a vez do paciente ser atendido, lhe causarem os dissabores de uma má recepção.

Pois é! Bichas já as houve, ao que me dizem os «veteranos», no «tempo da guerra», p'ras senhas do racionamento que davam a comida, por conta, peso e medida, às pessoas. Bichas já as houve, e dessas eu lembro-me, quando faltou a gasolina e as pessoas tinham de gramar, mais o «pó-pó», gastando gasolina no pára - arranca - trava - avança - trava - pára - avança - mais - um niquinho, para ir encher o depósito.

Pois é! Hoje temos bichas e não é um caso isolado, pois a bicharada, perdão, as bichas são uma autêntica epidemia. Senão, vejamos:

— Há as dos automóveis que esperam, esperam, esperam, e porquê?

— Há as tradicionais para os cinemas, atrás do papelinho mágico (e às vezes é o arranjas...) para ir ver o «porno» ou o «kung-fu» e porquê?

— Há as impossíveis, que afligem e põem os nervos em pé, quando se vai à estação comprar a passagem para ocombóio e, com três bilheteiras, normalmente só uma a atender uma infinidade de gente e porquê?

— Por último, a p'ró leite, recente, que faltava na colecção, que dia a dia aumenta, exasperando quem precisa do precioso litrinho do não menos precioso alimento e porquê?

Soluções para esta bicharada? Certamente que existem! Certamente que têm de existir! Certamente que devem existir!

Bom seria que aparecessem depressa para acabar com o abuso dessas malfadadas bichas que «mordem» na paciência cá da gente!

LÁ FORA: UM ANO DEPOIS

(Continuação da 1.ª pág.)

a telefonia e ouvimos enchurradas de música estrangeira e só de longe a longe a nossa música; as «séries» da T.V. são todas estrangeiras (pudera!) e quem não souber ler as legendas, ou quem não fôr lesto a lê-las, chapéu! Por lá: música é comentários do próprio País a tempo inteiro (ou quase) e as «séries» se são de fora são dobradas na própria língua; isto, além do poder de escolha...

Bem; mas deixemos estes aspectos para quem tem a devida competência; por nós, ficámos-nos no «gostar ou não gostar».

A IMPRENSA ESCRITA

Na imprensa escrita, talvez já nos sintamos um pouco mais à vontade para uma apreciação concreta.

Em primeiro lugar, espanta-nos como é possível (viável está provado que não é: toda a gente sabe os milhares de contos de prejuízos que o Povo paga para aguentar jornais que não lê...) que em Portugal existam mais jornais, diários ou não, e revistas do que numa Espanha, França ou Alemanha. Na verdade, somos originais!

Um fulano aqui em Espinho vai ao quiosque e pode escolher entre seis ou sete (ou mais?) jornais diários de ambiente nacional, e também uma boa meia dúzia de semanários; isto, para não falar nos órgãos dos partidos e associações, que são coisa normal em todo o mundo.

Nos países que citámos, supomos poder afirmar sem erro que para um público leitor imensamente maior não haverá mais de três ou quatro bons jornais de âmbito nacional de cada tipo (diário e periódico). Há, sim, os jornais regionais, também com grandes tiragens, o que se justifica pela vastidão territorial e sua diversificação de problemas e público leitor.

Entre nós, continua a espantar-nos — e, sinceramente, ainda não encontramos resposta capaz para a nossa dúvida — como havia tantos jornalistas desconhecidos, ou donde é que eles surgiram como por encanto, a fazer fé nas centenas de «profissionais» que cada jornal diz que tem. Quanto tempo trabalham? Que fazem eles?

Ainda vá que um recente plenário de trabalhadores da R.D.P. (ex-Emissora Nacional) alguns tiveram a ombridade de se «lamentar»(?) que só trabalhavam uma hora por dia (se calhar, nem tanto!).

O pior é que os jornais estatizados, que são um dos grandes desastres da desgraçada economia nacional, contam os números maiores.

Para qu³ tantos jornais estatizados? Por que porta entraram lá dentro tantos parasitas do «rário público»?

Várias medidas de remedeio têm sido anunciadas e algumas, poucas,

tentadas. Mas a situação mantém-se, certamente com números globais de tiragens forjados e com as sobras a desaparecerem por qualquer buraco para iludir a lei. Se a qualidade é a miséria que se vê, se o público não os lê, se os prejuízos são tamanhos, porque não entrega o Estado alguns dos tais jornais aos seus «trabalhadores» para se governarem em auto-gestão, mas sem subsídios de qualquer oculto saco?

Que faz mais falta ao Povo? Estradas e escolas, ou jornais que não lê? Será por mero acaso que os jornais independentes se safam? (cremos que já não há bancos nem capitalistas a mantê-los, por interesse ou por capricho...)

Não será porque trabalham bem mais a sério os homens que sabem que só depende da qualidade do seu trabalho a vida do seu jornal e o seu próprio sustento?

IMPRESA REGIONAL

Temos ouvido hipóteses de regionalização da grande imprensa. Sinceramente, não vemos pano para tal roupa: nem jornalistas com vocação de sair de Lisboa e Porto, nem espaço de relativa independência, nem público em número suficiente para consumir uma razoável tiragem; somos um País pequeno, com uma percentagem grande demais de gente que não sabe ler, que não lê nem quer ler.

Questão de mentalidades; não nos consta que os jornais desportivos estejam em dificuldades — e são bastantes para o País que somos...

Em contrapartida, havia e há uma Imprensa Regional. Fraquinha. Mesmo imprópria para consumo em grande parte.

Mas o que o novos senhores, que provisoriamente foram esfarelado o País, antes de terem perseguido e aviltado de reacionário para baixo este sector da imprensa (com o peso muito peculiar dum tal Barreirinhas que lá terá as suas razões para não gostar dos jornais pequenos...) deviam era saber duas coisas:

— os magros tostões com que so-

brevivem as «folhas» de província; — a apertada censura a que esteve sujeita pelos srs. coroneis. Se a pobreza não é vergonha, é, ninguém o nega, óbice a luxos; mas o rigor nazi da censura prévia marcou muita gente, que levará anos a descongestionar a inteligência (não pretendemos louros, mas pessoalmente poderíamos dizer coisas interessantes que até dariam um livro mais ou menos...).

De resto, nós, os da pequena mas honrada imprensa regional, até nem pedimos muito: nem ordenados chorudos, nem nada; só pedimos que nos deixem viver, sem o esmagamento jesuínico que, por pouco, sufocava tudo para deixar à vontade os amigos da sua evoluída dialéctica (há quem deva ao marujo filósofo uns favorzinhos!).

FINALMENTE...

Um último aspecto, dos mais «grossos» que nos feriram a atenção: no ano passado, para «caçar» as nossas misérias revolucionárias, a imprensa estrangeira tinha em Portugal fotógrafos e jornalistas; e gozavam à grande com tais aventuras, em títulos de primeira página. Todos os dias sabíamos coisas do País, muito longe de cá.

Na Grécia — imagine-se — os jornais davam reportagens desenvolvidas; e foi lá, por notícia em tipo graúdo de 1.ª página, que respiramos fundo, de alívio ao ler a queda do tenebroso gonçalvismo.

Este ano, em Espanha e França líamos quanto jornal apanhávamos; e conseguimos andar oito dias sem ler nada da nossa terra...

Deixamos de ser filão jornalístico! Entretanto, por cá, a Anop e C.ª à falta de melhor (senso) só encontra notícia no negativo doutros países; será para se pagar na mesma moeda? Ou então, dá notícias num dia, para desmentir no outro dia...

Demorará ainda muito tempo a termos a Imprensa de que precisamos para reconstruir o País?

Manel

VOLTANDO AO ASSUNTO

Seria mais viável que utilizasse as colunas do Jornal «O Primeiro de Janeiro» para justificar a notícia publicada naquele matutino («Não é tanto assim...»), mas, como se trata de um assunto local e, portanto, interessa mais aos espinhenses do que à grande maioria dos leitores daquele Jornal, julguei pois ser mais conveniente ocupar as colunas da D.E., para um esclarecimento.

Não sou porta-voz da Câmara Municipal de Espinho e, sendo assim, nada me obriga a defender a respectiva edilidade, aliás, esclareço que em nada contribui para a «eleição» da Comissão Administrativa e nem assisti à «auto-proclamação» da mesma, feita no Salão Nobre de «O Nosso Café», após o 25 de Abril.

Há, entretanto, um pormenor que nada custa a reconhecer e, se muita gente acha que a Câmara nada fez durante os dois anos e meses, em que se encontra a governar os destinos desta cidade, há melhoramentos que se encontram «emperrados», uns porque o orçamento não comporta tais despesas, outros à espera de resoluções superiores.

Scu, como tantos outros, recebido na Câmara e ali me têm facultado os elementos necessários para poder redigir as notícias que mando para «O Primeiro de Janeiro» e foi por isso que afirmei «gostamos de escrever com a certeza de que não estamos errados e portanto tratamos de colher as informações em fontes fidedignas», mas ninguém me obriga a escrever o que não quero.

Bem sei que os problemas de Es-

pinho não se concernem simplesmente ao assunto do Rio Largo. Eles são tantos que seria fastidioso estar a enumerá-los. Mas também sei que os homens que estão no «poleiro» nem sempre conseguem colmatar as deficiências, conforme seria a sua vontade e, se não dão uma resposta cabal, tanto aos articulistas, como à própria população, daí «lavo as minhas mãos».

Há pontos vulneráveis na «nossa» Câmara? Pois há e ninguém contradiz C. S. e, portanto, tenho que admitir os reparos feitos no «Remar contra a Maré», em que são apontados os desleixos de quem superintende em certos sectores da Câmara Municipal e, só tenho a lamentar que, depois de alertados para esses factos concretos, as coisas continuem na mesma e não se veja «mexer uma paiheira» para que seja dada uma satisfação à população.

Julgo, pelo que atrás deixo dito, que não posso ser um porta-voz da Câmara, como C. S. pretende, e se tiver de levantar problemas, nada me impede de o fazer, pois estou completamente à vontade para agir em conformidade.

Nada me afectou as observações de C. S. da «Defesa de Espinho», pois cada um tem o direito de manifestar a sua opinião, certa ou errada, só, repito, não sou porta-voz da Câmara, dado que significaria que eu trasmitia as palavras ou opiniões dos outros e, não é isso que acontece. Entendido?

Fernando Victor Francisco Pereira

«Recuerdos» de Espanha

Crónica
duma
viagem
e estadia

(3)

Por TIBÉRIO COELHO

No nosso último domingo madrileno, aproveitamos para nos deslocarmos ao Pavilhão dos Desportos da Cidade Universitária, para enchermos os olhos e o nosso gosto com a selecção espanhola de voleibol a trabalhar. Qualquer semelhança com a nossa é pura coincidência!

Após o almoço fomos de «metro» até Atocha consultar os horários dos comboios para Portugal. Que raio esta coisa chamada saudade... E aproveitando o tempo, apesar do mau tempo que fazia fomos de abalada, via teleférico, até ao Parque de Atracções de Madrid.

Aqui, apenas o Carlos Pratas se atreveu a dar voltas em duas infernais máquinas de pôr o tout-co à razão de jurros. Ele que conte, que até ficou mal disposto para o resto do dia. E por causa da chuva, regressamos a penates encharcadíssimos até ao osso. Um banho celeste espanhol, novidade cá p'ra «malta»!

A noite, pois então, aproveitamos para outro directo televisivo de futebol, tirando a barriga das misérias da nossa TV. Vimos o Santander e o «nosso» Damas que nos pôs orgulhosos cá com uma daquelas exhibições que nem queriam saber!

Na 2.ª feira voltamos ao trabalho, no duro, mas já a contar, pelos dedos, quantos dias faltam para respirarmos o ar marítimo espinhense.

Ora, dois dias depois, tivemos uma alegria «bestial». O Baptista, voleibolista que foi juvenil na AAE e, agora, passou ao SCE, apareceu a visitar-nos. Veio com a família e o mano Baptista, também voleibolista e iniciado da AAE, para este consultar um médico cá do burgo.

Foi um bate-papo gostoso, com mil e uma perguntas e com a satisfação de recebermos a «Defesa» e a «Maré», pois a greve espanhola dos CTT tinha-nos feito boicotar às desejadas notícias da nossa terra. Com que alegria desfolhamos os nossos periódicos!

Na 5.ª feira começou a batalha dos exames que só terminaria no sábado. Com algumas dificuldades nalgumas disciplinas, os «três mosqueiteiros» lá se iam desenrascando, que para o portuguêsinho da costa não há entascação que o atralpalhe de vez!

Pois é, mas alegria pura alegria e na 6.ª feira, recebemos o presidente da direcção da AAE, Dr. José Carlos Leitão, aqui chegado para um estágio médico, que durará até ao Natal. Claro, mais uma «festa» portuguesa!

A noite, tivemos oportunidade de ver em directo natural, a polícia espanhola em acção, durante uma manifestação. Lá porrada, não faltou e, embora nos mantivéssemos, naturalmente, a leste, pudemos ver como a grandiosa força policial está bem apetrechada e como não se faz rogado a aviar os manifestantes oposicionistas.

Terminados os exames, isto no sábado, fizemos um verdadeiro contra-relógio para comprarmos recuerdos. Era tanta a vontade de regressarmos que, apesar do combóio só sair às 23.15 h., fomos morar para a estação às 20.30 h., talvez receosos que ele fugisse e demorássemos mais a voltar à nossa terra.

No domingo arrivamos eram 12.15 h. e, minha gente, que bem nos soube levar na cara com o ar salgado! Nem quem-ram saber!

Agora, ficamos à espera das notas, todavia, como o que conta é o exame final, esperamos poder voltar em Janeiro, para frequentarmos a 2.ª parte deste curso, com uma duração de 12 dias.

Encerramos aqui os nossos «recuerdos» e, no próximo número, para pormos ponto

(Continua na pág. 11)

ENCONTRO

N.º 6

Outub. / 1976

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de: F. AZEVEDO BRANDÃO

INQUÉRITO À CRÍTICA LITERÁRIA
EM PORTUGAL

No prosseguimento do nosso inquérito junto dos críticos literários portugueses, que iniciámos no n.º 4 deste suplemento, publicamos hoje o depoimento de Fernando Luso Soares que exerceu a sua crítica nos jornais «República», «Jornal do Fundão» e «Diário de Lisboa».

Não respondendo directamente às perguntas do nosso inquérito, Fernando Luso Soares, enviou-nos o seu trabalho «Uma Proposta em Forma de Prefácio», publicado no «Diário de Lisboa» de 12 de Julho de 1973, esclarecendo-nos que de 25 de Abril para cá não tem exercido actividade crítica, mas que em virtude de não ter modificado o seu ponto de vista sobre o exercício da crítica literária ali enunciado, o texto lhe parece responder ao presente inquérito.

Assim o julgamos também e antes de o transcrevermos queremos apenas recordar aos nossos leitores as perguntas do inquérito que são as seguintes:

1 — Fala-se com frequência em várias perspectivas de crítica literária como «crítica biográfica», «crítica impressionista», «crítica psicológica», «crítica dialéctica», «crítica estilística», «crítica estruturalista», etc.

Em qual destas perspectivas (ou outras, porventura), considera integrado o seu exercício de crítico? Como o define e porquê tal atitude crítica?

2 — Com a revolução de 25 de Abril de 1974, alguns jornais suprimiram os suplementos literários, onde vigorava, tanto quanto possível, a variedade de géneros de crítica, e começaram a introduzir nas suas páginas «crítica» literária e artística de carácter exclusivamente ideológico, cujo tom chegou, por vezes, a ser demagógico. Daí o afirmarem da inviabilidade da crítica literária «aqui e agora».

Qual a sua opinião sobre o assunto?

FERNANDO LUSO SOARES

Peço licença no começo da jornada, para escrever estas palavras à semelhança de prefácio. Se ao crítico o norteiam alguns princípios estéticos definidos, em cada semana o novo texto comentado não passa de ser mais um capítulo do mesmo discurso. Não será isto, evidentemente, prometer ao leitor a monotonia ou a melopeia de uma condenável obsessão. Cada texto de crítica em si considerado, por mais imediatista que ele resulte, constituirá sempre outra fase (concreta) de um mesmo diálogo, onde só um dos protagonistas mudou.

Não há-de ser desconhecido por aqueles que têm feito o favor de observar a minha experiência de há dois anos a esta parte (no «Jornal do Fundão», na «República» e aqui no «Diário de Lisboa» que tenho pelo menos três pontos fundamentais de orientação. Em primeiro lugar, aceito que a arte e a literatura constituem superestruturas ideológicas depois, considero que essa mesma arte e literatura são processos de descoberta da realidade e por fim continuo a sustentar, conforme os ensinamentos

(Continua na pág. seguinte)

AS RAÍZES DO TÉDIO EM MANUEL LARANJEIRA

(Continuação do número anterior de «Encontro»)

Com um pé no século XIX, que agonizou numa crise mental que de algum modo se prolonga ainda até nossos dias, e outro no século XX, que amanhecia num palor de indecisa esperança, não era só a ambiência fatigada e irracionalista do «fim de século» que se lhe insinuava na visão, era também a expectativa, de contornos ainda fluidos, que o século nascente, quando mais não fos-

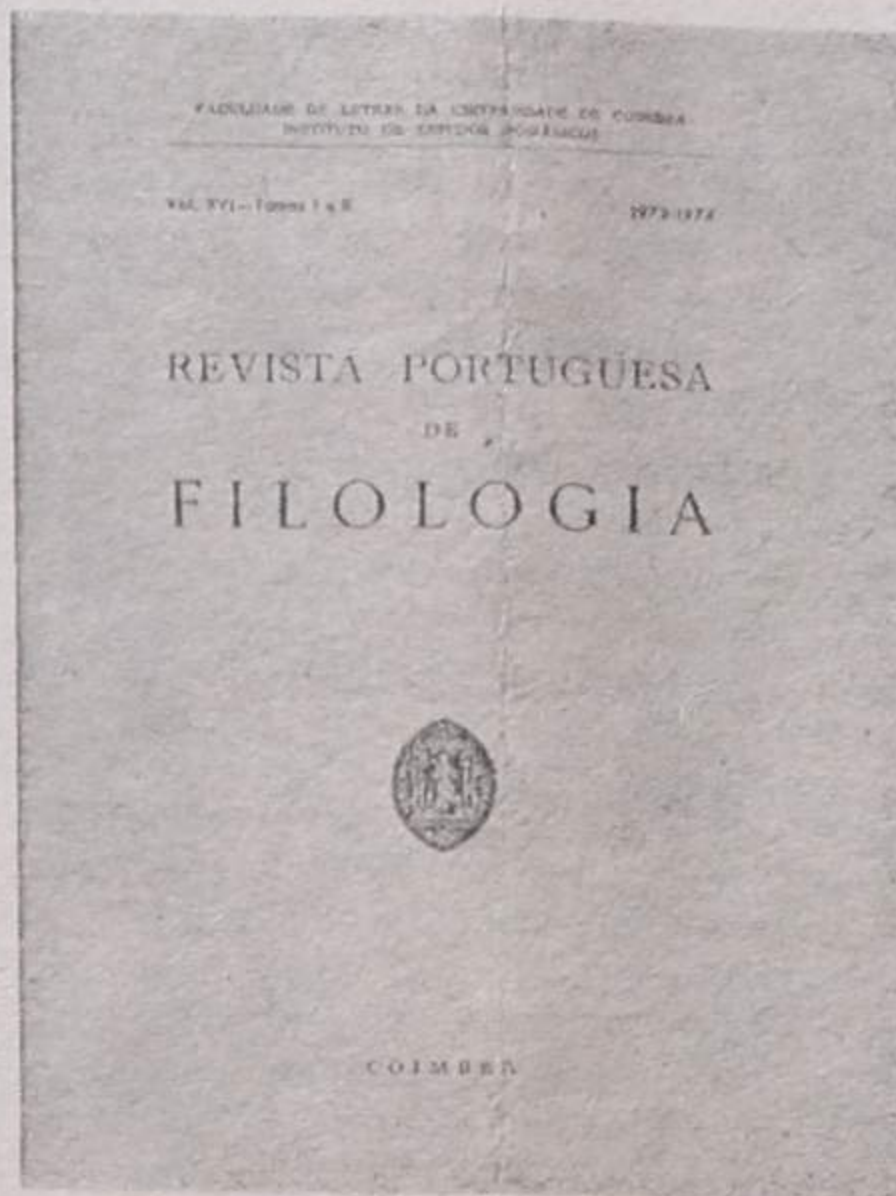
se, pela mesma juventude, propiciava aos novos, mais propensos a olhar em frente do que a rememorar o passado. Previa-se então, por entre brumas românticas de afectividade difusa, a redenção republicana da Pátria decaída e, não obstante no cónvavo da onda oitocentista de crença na razão e no progresso, o espírito dos moços como Laranjeira projectavam no «mundo ideal do amanhã»,

«OS LIVROS E OS HOMENS»

Notas de Leitura

Por F. AZEVEDO BRANDÃO

* REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA — direcção de Manuel de Paiva Boléo



Saiu há pouco o volume XVI-tomos I e II da prestigiosa «Revista Portuguesa de Filologia» (1), publicada pelo Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e dirigida pelo professor jubilado daquela Universidade, Prof. Dr. Manuel de Paiva Boléo.

Como é seu timbre, o presente volume apresenta-se bem recheado de estudos etno-linguísticos de grande interesse e importância para os estudiosos destes assuntos.

Do seu sumário queremos salientar os seguintes trabalhos: «Portuguese and Thai language contacts», onde Edgar C. Knowlton Jr., nos dá conta da influência da língua portuguesa no tailandês assim como desta língua no português, visível por exemplo na «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto.

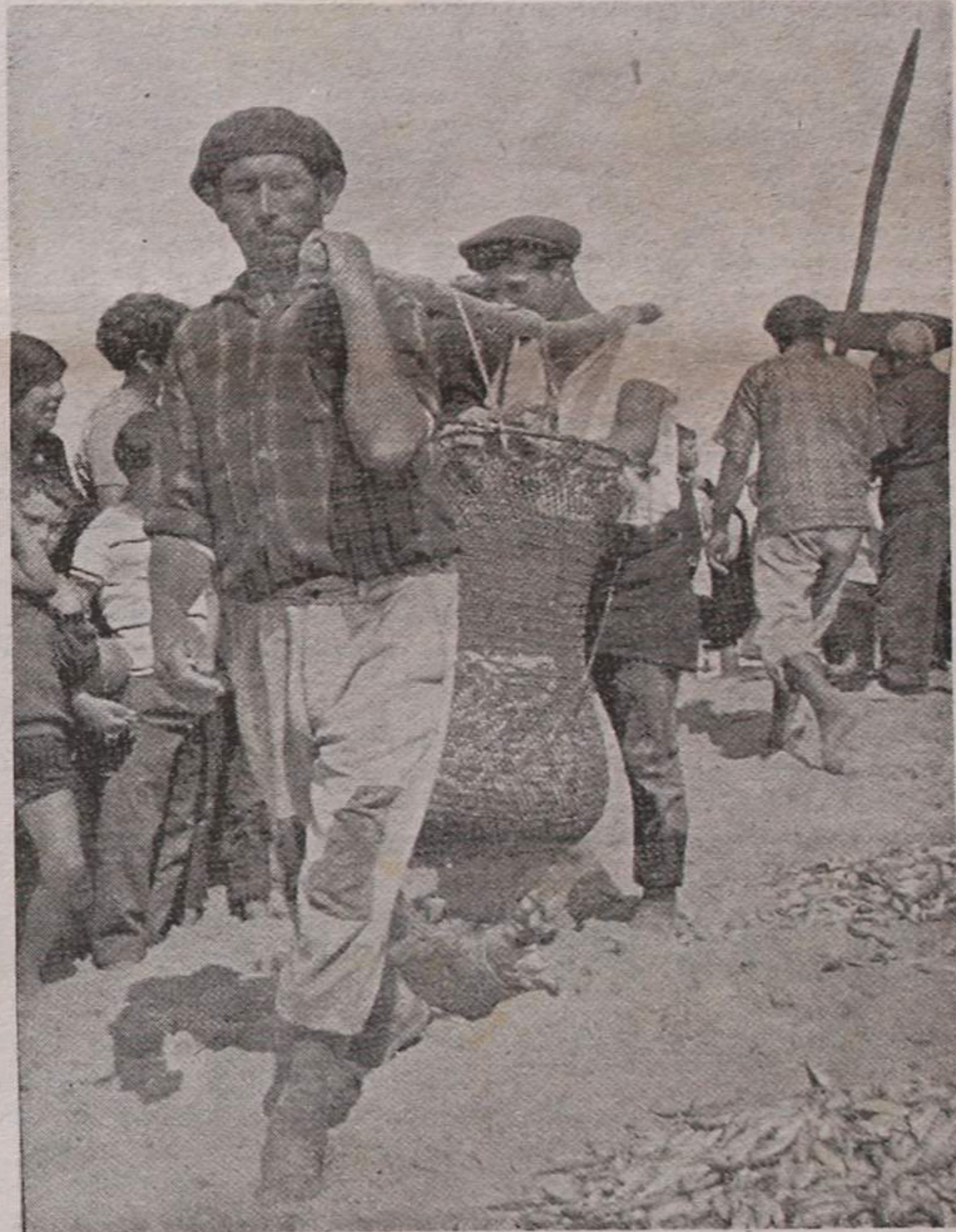
A influência do português naquela costa oriental não é de estranhar, uma vez que a língua lusitana foi língua franca, isto é, era a língua usada pela população daquelas paragens nas suas relações comerciais com outros estrangeiros. Trabalho interessante este que atesta o nosso domínio linguístico em povos tão dispares e longínquos.

Vem a seguir o trabalho «Diverses appellations de la «belette» sur le territoire gallo-roman», que constituiu a matéria da conferência pronunciada por Manfred Bambeck no Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra em 1969. Trabalho exaustivo e bem fundamentado leva-nos a percorrer toda a França onde o autor verifica a existência de vários significados do nome deste pequeno mamífero. A este trabalho segue-se «O Vocabulário Marítimo Português e o Problema dos Mediterraneísmos» (2), valioso estudo etno-linguístico da costa marítima portuguesa e das suas relações com os países do Mediterrâneo.

Trata-se de um importante trabalho, fruto de pesquisas directas efectuadas junto dos pescadores do litoral português, de inúmeras consultas em livros da especialidade, de visitas a museus de etnografia marítima e do estudo sistemático do material linguístico (I. L. B. — Inquérito Linguístico Boléo), existente no Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Este estudo, que constituiu a dissertação de literatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras daquela Universidade, em 1970, vem preencher uma grande lacuna no panorama linguístico concernente ao nosso vocabulário marítimo.



Em Espinho:

Nassa com peixe dependurada do bordão transportado aos ombros por dois pescadores.

A extensão, a variedade e as numerosas praias da nossa costa marítima apresentaram dificuldades que a autora teve de enfrentar e que, em certa medida, não lhe deram oportunidade que a todas elas se dedicasse profundamente. Isto mesmo o confessa a autora no prefácio: «Fiz inquéritos incompletos nas seguintes localidades: Póvoa de Varzim, Costa Nova do Prado, Nazaré, Peniche, Sesimbra e Sines. Explorei mais superficialmente «Costa da Caparica, Cascais, Ericeira, S. Martinho do Porto, Vieira de Leiria, Pedrogão, Leirosa, Costa de Lavos, Palheiros de Mira, Vagueira,

Torreira, Furadouro, ESPINHO, Afurada, Matosinhos, Vila Chã, Mindelo, Vila do Conde, A-Ver-o-Mar e Apúlia».

Não obstante algumas visitas superficiais, talvez por falta de disponibilidade de tempo, a autora, através de estudos e informações noutras fontes bibliográficas, pôde ainda assim, apresentar um vasto trabalho sobre a variedade e a riqueza de tipos de embarcações e processos de pesca de toda a costa marítima portuguesa, digno dos maiores encómios.

Apenas nos permitimos alguns reparos:

No que se refere a Espinho, uma das localidades que a autora diz ter visitado superficialmente, o registo das variações linguísticas do material é escasso o que levou, naturalmente, à existência de algumas lacunas. Uma permanência mais demorada entre os pescadores de Espinho, levá-la-ia, por exemplo, a falar do rapichel (saco de rede para transporte de peixe), do bordão (toro cilíndrico de madeira, onde enfiam a nassa cheia de peixe e que é transportado aos ombros por dois pescadores), da teca (quantidade de peixe que se distribui pelos ca-

maradas); a própria nomenclatura das partes do barco do mar e das redes apresentar-se-ia aqui com uma terminologia lexical um pouco diferente da das outras localidades referenciadas pela autora.

Além disso, num trabalho deste género seria curioso, também, registar as várias expressões e frases proferidas pelos pescadores quando lançam o barco ao mar ou, quando a rede, puxada por juntas de bois, chega à praia carregada de peixe.

Ao apontarmos estas omissões, não queremos tirar, de maneira nenhuma, o valor a uma obra

(Continua na pág. seguinte)

(Continua na pág. seguinte)

INQUÉRITO À CRÍTICA LITERÁRIA EM PORTUGAL

(Continuação da pág. anterior)

de Lukács, que o partidário é uma categoria estética. Daí provém uma consequência necessária, desde logo visível no momento em que me proponho exercer neste jornal, agora com regularidade, determinado tipo de análise literária — a minha crítica tem tido (e continuará a ter) carácter ideológico.

É evidente que semelhante declaração assusta a «ingénua independência» de muito boa gente. Para certos puristas a literatura deve manter-se sempre divorciada de compromissos definidos. Dizem isso, alguns de equivocada inocência. Porém, já me penso assim (ou seja, que não há uma só leitura que se possa dizer inocente), ninguém deve levar a mal que o diga tão abertamente. Só os mal intencionados podem ver nesta atitude aquilo que ela de modo algum significa. Aliás a novidade não é grande — nem eu, pobre de mim, sinto ombros para arcar com ideias que se digam verdadeiramente novas. Deixemos isso para os deuses.

A crítica ideológica, sabe-o toda a gente, comporta representantes largamente distanciados. Um Sartre existencialista. Um Bachelard e um Starobinsky com as suas análises sobre a configuração dos mitos e dos símbolos. Um Charles Mauron com a psicocrítica dos textos. Um Goldmann com a sociologia dos temas da literatura — e outros mais de distinto matiz ou norte. Na síntese trata-se de uma crítica que tem o denominador comum de se referir sempre, de modo consciente, a uma das grandes ideologias do momento: o existencialismo, o marxismo, a psicanálise, a fenomenologia. Pois que direi eu, portanto, senão que vou limitar-me a exercer (ou a continuar) o meu ofício da forma que me parece a mais sincera e verdadeira?

Mas a crítica ideológica não é, ao contrário do que já se pretendeu, crítica fechada (ou não aberta). A obra literária não tem sentido algum senão nas suas relações com a História total do homem. Só por si, o reconhecer isto nos garante desde logo a maior abertura — e se acaso resta perguntar como se realiza ela, a resposta tem de ser, naturalmente, que a mesma se consegue pelo diálogo. Vejamos.

Quando o escritor produz a sua

obra, já que a escolha do tema não pode deixar de constituir uma opção consciente, ele está a revelar-se partidário de alguma coisa. Tal acontece ainda que o texto produzido se nos apresente com a maior ambiguidade. Por outro lado, a crítica (como actividade prática) arranca sempre de um sistema de referências que o crítico opõe relativamente à obra criticada. Logo, portanto, aquela representa um diálogo entre duas opções (a do criticado e a do crítico), única forma a partir da qual em boa verdade se procurará o esclarecimento do texto literário. O discurso do comentário há-de manifestar necessariamente a intervenção do pensamento de uma terceira pessoa (o comentador, o analista, o crítico), incidente sobre o universo estético do autor.

Em si mesma considerada, a obra literária é um complexo de elementos que foram postos em organização para determinado fim. Por seu turno, este complexo resulta ou provém de vários níveis modelares. Tudo isso sabe o crítico, e tem de respeitar. Como então captá-los (a esses elementos) nos seus diversos níveis de representação, para depois se estabelecer o tal diálogo a que me venho referindo?

Começarei, já talvez escusadamente, por dizer que rejeito toda e qualquer atitude cem por cento vazia, como é o caso de Roland Barthes, que ponho como exemplo extremo. É sabido o que ele afirmou nos seus «Essais Critiques» a este propósito: — que a crítica não tem de dizer se Proust expressava ou não a verdade, se neste sentido o barão de Charlons era ou não o conde de Montequieu, Barthes asseverou, a meu ver mal, que a função crítica se traduz unicamente em elaborar (por si mesma) uma linguagem cuja coerência lógica e sistemática pudesse «integrar» (no sentido matemático do termo) a maior quantidade possível de linguagem proustiana. Eis o que eu diria uma falsa descoberta — uma descoberta de nada a descobrir. «Crítica» assim não vale o surpreender na obra literária aquilo que ela tem de oculto ou de contraditório, mas tão simplesmente ajustar uma linguagem a outra linguagem.

É que para o autor das «Mitologias» o objecto da crítica não é a obra como reflexo do mundo dos ho-

mens reais, vivos e conscientes, ou em vias disso. A obra literária ele a vê somente um discurso que provoca e gera outro discurso. E a sua crítica será, em consequência, uma linguagem segunda, um discurso sobre outro discurso. Um nada, portanto, já que segundo Barthes perderíamos do horizonte a visão substancial que decorre do texto, para nos encontrarmos somente a braços com uma prodigiosa «centopeia linguística».

Rejeitada a velha crítica, que fluiu até à extrema gratuitidade dos mil impressionismos, e do mesmo passo rejeitada também a vacuidade puramente linguística e formalista da nova crítica de tipo bartheano (ou congêneres), não vejo caminho realista que não seja o da intervenção ideológica. Essa é, aliás, a atitude do leitor mais consciente, ainda que não crítico de ofício. Mas isto não quer dizer, é óbvio, intervenção sectária, ou mesmo dogmática — o que seria a todos os títulos detestável. Depois do barroco, que afirmou o direito ao diverso (dir-se-ia ao particular), ao extravagante, numa palavra ao individual (o romantismo começa com a frase dianteira das «Confissões» de Rousseau: «Je ne suis fait comme aucun de ceux que existent») — depois do barroco, repito, a crítica moderna não pode ignorar aquele processo de individualização. Falou-se de liberdade romântica. Mas isso a que se chamou, ao tempo, a liberdade romântica, não passava com efeito de ser o índice de uma realidade geral: a do relativismo estético, diametralmente oposto (na sua origem) aos espartilhos normativos da «perceptiva» clássica, dogmática.

«Crítica ideológica» significa, em última análise, a confrontação dialéctica entre duas visões diferentes, ainda que estas sejam só as perspectivas particulares de duas pessoas (crítico e autor) orientadas por generalidades de uma mesma ideologia. É bom não esquecer que existem contradições externas e internas a todo o sistema. E com isto, para descanso daqueles que porventura ainda não me houvessem entendido bem, sempre direi que, à força do diálogo de dois compromissos mesmo polarmente opostos (o do autor criticado e o do crítico), a intervenção ideológica do segundo unicamente produz uma estabilidade provisória.

AS RAÍZES DO TÉDIO EM MANUEL LARANJEIRA

(Continuação da pág. anterior)

vam eles — a lei vagamente intuída (porém imanente) que governava os destinos humanos multiplicar-se-ia, enfim, em flores e frutos — a justiça social, a elevação do nível cultural da grei, a mesquinha trivialidade quotidiana deles, transmutando-se, como por artes mágicas, na idealidade, estatuída oniricamente... Do embate das esperanças de amanhã (tão ilimitadas quanto utópicas) como a perspectiva gris do seu apagado hoje, abstrações tais como o *Ideal*, o *Homem*, a *Cultura* (convenientemente maiúsculas, já se vê) tornavam o lugar das comzinhas e concretas realidades nacionais, para as quais se reservavam, com discção, as minúsculas...

Se bem nos parece, é nesse conspecto a um tempo de crepúsculo e de aurora que Zaratustra, o solitário profeta da morte dos deuses e do advento do super-homem, conquista um discípulo em Manuel Laranjeira. Com efeito, o autor de *Comigo* encarna, sob muitos aspectos, à escala portuguesa, as ansiedades euopeias do autor de *Para Além do Bem e do Mal*. E, se é certo que lhe não

foi possível levar a cabo, nos domínios da estética e da cultura, a nietzschiana revolução a que, genialmente, aspirava, coube, todavia, ao seu contemporâneo Fernando Pessoa, a realização de tal desiderato⁽¹⁾, quer ao anunciar o Super-Camões, quer ao tentar, por meio das personagens heterónimas forjá-lo num esforço de superação de irracionais antinomias de sempre, mas muito do seu tempo também.

Ora, no Portugal de Laranjeira e de Pessoa, ambições nietzschianas de super-homem, por mais que Zaratustra enfrentasse o porvir, tinham todas as probabilidades de cair de chofre numa nostálgica idealização do passado⁽²⁾. E foi assim que Laranjeira, de algum modo anunciando a *Mensagem*, de Pessoa, se referia por estas palavras ao infante D. Henrique: «Bem que pese à nossa vaidade colectiva, o Infante não foi o intérprete da heroicidade dum povo, foi o propulsor dela. Ele foi só! Ele lutou, só. Ele domou, só. Ele venceu, só. Ele era o Homem, o Homem-Só, subjugando a natureza rebelde à sua vontade. Nós devemos-lhe a nossa morte, mas devemos-lhe também toda a nossa glória, toda a nossa vida

histórica, essa vida que pede meças às mais gloriosas vidas de todos os povos.»⁽³⁾

Nesta mitificação idealista, e nietzschiana à rebours, do Infante colaborou, aliás, toda uma geração, da qual Jaime Cortesão (1884-1960) viria a ser o grande historiador. Este exemplo de evocação histórica serve, afinal, para insinuar, e desde já, que os anelos de Laranjeira, em grande parte de fundamentação cultural nietzschiana, se vazam em tiradas românticas, cujo propulsor é uma aspiração de teor idealista, mas muito mais sentimental que de natureza efectivamente filosófica ou crítica. Ora, nessa dificuldade, ou impossibilidade, de clarificar racionalmente os pressupostos e os fins da sua acção reside, se acertamos no alvo, uma das grandes perplexidades do espírito do autor do *Diário Intimo*, como, de seguida, tentaremos pôr a claro.

(1) Sobre as relações de Pessoa com Nietzsche v. Jorge de Sena, «O Poeta é um flngidor».

(2) Abra-se uma excepção para Raul Proença, em que o toque de Nietzsche se exerceu só no sentido do porvir.

(3) «Prosas Perdidas», p. 172.

MÚSICA

CRÓNICA

Pediram para escrever qualquer coisa sobre música e, sem um mote, vejo-me sinceramente embaraçada, pois é tão vasto o tema «música» que o difícil é responder-me à pergunta — Que vais escolher?

São por demais notórias, mas torna-se necessário relembrá-las, as formas e sêdes de emoções estéticas a que se obriga quem por temperamento, por educação ou por ambiente, tenha a sorte ou o infortúnio de possuir hábitos de cultura. Nesta «Costa Verde» tem acontecido principalmente neste último ano que essa satisfação de cultura nos tenha sido dada.

Não há tarefas longas, a não ser aquelas que nos não atrevemos a começar. É a absurda preocupação das perfeições absolutas que entre nós tem esterilizado tantas iniciativas. Não quero dizer com isto que não chamemos o que pudermos ouvir de melhor de todo o mundo, mas como só é possível fazê-lo poucas vezes, não nos deixemos só a adorar a Perfeição, e na sua falta preferimos o nada.

(Continua na 8.ª pág.)

«OS LIVROS E OS HOMENS»

(Continuação da pág. anterior) impar no nosso panorama da linguagem marítima. Apenas nos move a intenção de querer completar o estudo do vocabulário marítimo no que concerne aos pescadores de Espinho.

Aliás, num estudo histórico, etnográfico e linguístico, que temos entre mãos, sobre a Pesca e Pescadores de Espinho, a sair brevemente, temos vindo a registar estes factos linguísticos, bem assim como a recolher o respectivo material etnográfico para um futuro Museu Etnográfico e Histórico a instalar em Espinho.

Não queremos deixar de salientar, por outro lado, que este notável trabalho nos vem auxiliar nas nossas próprias pesquisas directas que temos vindo a efectuar junto dos pescadores de Espinho.

O trabalho de Ana Maria Simões da Silva Lopes divide-se em quatro capítulos precedidos de um prefácio e de uma curta introdução. Neste XVI volume apenas vêm insertos os dois primeiros, publicando-se os dois restantes no volume XVII.

No primeiro capítulo a autora estuda o nome das embarcações e respectivos apetrechos. No segundo estuda os processos de pesca. No terceiro tenta estabelecer uma comparação entre os dois primeiros capítulos, salientando a importância da originalidade do Algarve. No 4.º capítulo estuda as relações entre as embarcações e os processos de pesca da Costa Portuguesa com as dos outros países do Mediterrâneo.

Completa o trabalho um glossário que agrupo todos os termos marítimos empregados, o inquérito linguístico que utilizou na pesquisa local, gravuras, reproduções, fotografias e desenhos.

Em seguida vem publicado neste volume o artigo «Glossário do Dialecto Macaense», de Graciete Nogueira Batalha, que abrangendo o dialecto antigo e moderno, a autora nos dá não

E uma vez mais, que às iniciativas tomadas e realizadas, para bem de todos nós, se ampliem e perdurem.

Um tipo muito curioso é o do amador eternamente sequioso de música, eternamente descontente com a pobreza artística do meio — mas que raramente aparece nos concertos. Outros entendem que não adianta muito o que se faz, encolhem desconsoladamente os ombros e deixam à providência o encargo de converter a cidade ou mesmo o País num centro de alta cultura. Esta tem de ser a obra de nós todos, artistas e público. Os deveres são recíprocos.

É notável o número crescente de jovens que acorrem aos concertos, tanto nos teatros como nas escolas e liceus, e Espinho deu o mais fantástico exemplo de interesse a esse chamamento. Pois é para essa juventude que temos de olhar, é para essa juventude sempre ansiosa e desejosa do bom e do belo que se lhes dá, é para essa juventude que temos de abrir as portas bem largas,

só o sentido e a etimologia das palavras mas acrescenta ainda informações etnográficas e folclóricas que vêm enriquecer ainda mais o seu trabalho.

Seguem-se as habituais e bem ordenadas «recensões críticas» a obras de teor linguístico, etnográfico e histórico, subscritas por linguistas e críticos portugueses e estrangeiros de reconhecidos méritos científicos; as «Notas Bibliográficas», tão do apreço dos linguistas estrangeiros pelas informações que prestam, constituindo um útil instrumento de trabalho de muito valor.

Na secção «In Memoriam» são evocadas as figuras de Bebelo Bonito (antigo colaborador da «Defesa de Espinho»), António Gomes Ferreira, George Gongenheim, Antenor Nascentes, Joaquim Albino da Silveira e Jorge Dias.

Na «Vida do Instituto de Estudos Românicos», o prof. Paiva Boléo dá-nos conta das inúmeras dificuldades financeiras com que se tem debatido aquele Instituto e consequentemente a Revista de Filologia, bem assim como nos informa de toda a actividade científica ali realizada nos anos 1972-73, 73-74 e 74-75. Completa este precioso volume, «Notícias e Comentários», e um rigoroso «índice de autores, vocabúlos, assuntos e livrarias».

Valioso instrumento de trabalho para todos os que se dedicam ao estudo da filologia e da linguística, a «Revista Portuguesa de Filologia» continua a honrar a Universidade de Coimbra e muito particularmente a sua Faculdade de Letras, mercê da actividade do seu director, o prof. dr. Manuel de Paiva Boléo, que não olhando a trabalhos e sacrifícios de toda a ordem, tem mantido uma obra notável nos anais da nossa ciência linguística e da dialectologia em particular.

(1) Revista Portuguesa de Filologia, vol. XVI, tomos I e II, 1973-1974. Instituto de Estudos Românicos, Faculdade de Letras, Univ. de Coimbra.

(2) Separata dos vols. XVI e XVII. Coimbra, 1975.

NOVÍSSIMA POESIA ITALIANA

Os poemas aqui seleccionados foram extraídos da «Página dos Jovens» do «Giornale dei Poeti», órgão da Associação Internacional de Poesia, com sede em Roma, dirigido por Edviges Pesce Gorini.

A nossa intenção é apresentar aos nossos leitores uma pequena amostra da produção poética dos autores mais representativos da nova geração da Poesia Italiana.

Tradução de ISMÁLIA SANTOS

GIANI RESCIGNO

ALLA LIBERTÀ DEL MARE

Partono le barche
alla libertà del mare
leggere leggere
sulle larghe e trasparenti vie
senza folle, senza casa.
Si lascia alle spalle
il peso della vita
e puoi gridare a squarciagola
il tuo canto alle stelle
puoi raccontare le tue pene
senza vergogna
all'oscurità dell'infinito.
Andate, andate barche!
Torneremo a sera
di un altro giorno
quando seranno chiuse le finestra
e le voci disperse
nel vagabondaggio del sogno.

PIERO PIERI

A M. LUTHER KING

Vieni, scendiamo a valle
dove il fiume tra i ciottoli s'impiglia,
stringi forte le mie mani
e conducimi per i sentieri del perdono.
Vieni, apostolo della pace
di tra gli ulivi riflessi nella luna,
colieremo mazzi di stelle
per l'Amor che di là ciguida.
Vieni ombra bruna a valle,
il volto si vela di stanchezza
ma nelle mani tue nevica luce
ed io prostrato avanzo inverità.

A LIBERDADE DOS MARES

Partem os barcos
à liberdade dos mares
ligeiros ligeiros
sobre as largas e transparentes vias
sem gente sem casas.
Deixa para trás
o peso da vida
e podes gritar bem alto
o teu canto às estrelas
podes contar as tuas mágoas
sem vergonha
à escuridão do infinito.
Andai, andai barcos!
Voltaremos ao entardecer
de um outro dia
quando as janelas estiverem fechadas
e as vozes dispersas
na vagabundagem do sonho.

A M. LUTHER KING

Vem, desçamos ao vale
onde o rio se amontoa enre os
escolhos.
aperta fortemente as minhas mãos
e conduz-me para os caminhos do
perdão.
Vem, apóstolo da paz
dentre os reflexos pálidos da lua,
colheremos ramos de estrelas
para o Amor que de lá nos guia.
Vem, sombra negra ao vale,
o rosto envolve-se de cansaço
mas nas tuas mãos brilha a luz
e eu prostrado caminho para a verdade.

GIANI RESCIGNO — Nasceu em Roccapiemonte (Salerno) em 1937. Dedicou-se à função docente. Colabora em várias revistas de literatura do seu país, tendo recebido em 1966-67 «ex-aquo» o prémio anual «Giovanni Grifini» do «Gruppo di azione per le scuole del popolo».

PIERO PIERI — Nasceu em Montefiascono (Viterbo) em 1940. Vive actualmente em Roma.

ROBERTO DEL BAGNO

VIENI CON ME

Vieni...
presto corri
entra la bella estate
dei miei sogni
prendila calda
perfumato de fiori
illuminata di sole
specchia il tuo viso
inverdi e azzure acque
come le vuoi
vesti le foglie
che vesti ti piaccia
cogli del ramo il frutto
più succoso
mangido insieme a me
e poi corriamo
finché c'è l'erba verde
a ricoprir di prati la pianura
finché la luce ci infiora i cappelli
e il caldo vento
ci profonde carrezze...
Su corri insieme a me
finché il respiro é un riso
e il godere
è più lungo un secondo
nel piacere del tempo
che l'aurora ci dona...
corri
e non mi chieder dove
per non romper l'incanto.

DEM COMIGO

Vem...
corre depressa
entra no belo verão
dos meus sonhos
toma-o cálido
perfumado de flores
iluminado de sol
espelha o teu rosto
nas águas verdes e azuis
como as quizeres
veste as folhas
que mais te agradar
colhe dos ramos o fruto
mais succulento
come-o junto a mim
e depois corramos
até que a erva verde
cubra de novo a planura dos prados
até que a luz floresça os cabelos
e o cálido vento
nos inunde de carícias...
Corre comigo
até que a respiração seja um riso
e o prazer
seja um segundo mais longo
no desfrutar do tempo
que a aurora nos dá...
Corre
e não perguntes para onde
para não quebrares o encanto.

MICHEL BONATESTA

IERI, TANTO TEMPO FA

É appena ieri e sembra tanto tempo fa
É appena ieri
che abbiamo costruito la nostra vita
e sembra tanto tempo fa.
Se premesse si mischiano ai ricordi
mentre tentiamo d'ingannare il domani
e il domani appare falso. Appare
incerto
stretto da mani avides per si

Tuo padre é morto.
Nel ricordo illanguidiscono i giorni
le rughe non possono
intaccare i nostri volti ancora giovani
e scavano profonde nell'animo
per separarci.

Tuo padre é morto
appena ieri ma sembra tanto tempo fa.
Nel ricordo illanguidiano noi
che non abbiamo colpa
se non é colpa volersi bene.

ONTEM, HÁ TANTO TEMPO JÁ

Foi apenas ontem e parece há tanto tempo já.
Foi apenas ontem
que construímos a nossa vida
e parece há tanto tempo já.
As promessas misturam-se às
recordações
enquanto tentamos enganar o amanhã
e o amanhã aparece falso. Aparece
incerto
apertado pela avidez das nossas mãos.

Teu pai morreu.
Na lembrança enlanguescem os dias
as rugas não podem
apoderar-se do nosso rosto ainda
jovem
e sulcam profundamente na alma
para nos separar.

Teu pai morreu
apenas ontem e parece há tanto tempo já.
Na lembrança enlanguescemos
nós que não temos culpa
se não é culpa querer-se bem.

ROBERT DEL BAGNO — Nasceu em Bolonha a 15 de Agosto de 1942. Colabora em vários jornais e revistas, estando presentemente a viver em Ravenna.

MICHEL BONATESTA — Nasceu em Viterbo em 1942. Colaborador de «Il Tempo» de Roma, é redactor da página cultural do periódico local, «Il Bulicame». Publicou em 1968 «Purezze di vergine». Recebeu a medalha de prata do «Premio Nazionale Vincenzo Cardarelli. Publicou ainda «Chewing-geru» (poesia).

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

AZEVEDO, José: «Póvoa de Varzim, a terra e o mar». 270 págs. Edição do autor c/a colaboração da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e da Sopete. Póvoa de Varzim, 1976.

Livro de crónicas onde a história, a etnografia e o pitoresco se entrelaçam para nos dar o retrato vivo do homem da Póvoa, no seu viver quotidiano, seja na faina do mar, seja dentro do seu lar ou nas festas tradicionais da sua terra.

José de Azevedo soube captar, com rara sensibilidade, todas as nuances físicas e psicológicas dos seus retratos, constituindo as suas «figuras típicas», autênticas «águas-fortes» de um pintor realista.

Usos e costumes, histórias antigas e modernas, trajes e ditos característicos do falar poveiro, tudo aqui se reúne num florilégio de surpresas que nos cativa e nos leva a olhar mais demoradamente o quotidiano que nos rodeia para lhe captar aqueles aspectos de simplicidade e ingenuidade que o autor conseguiu dar das suas personagens e histórias.

Livro evocador de um povo que ao mar tem dado o melhor da sua vida é um autêntico «ex-libris» da linda cidade da Póvoa de Varzim.

FERNANDES, Capitão. «Portugal nem tudo está perdido». 168 págs. Biblioteca Ulmeiro. Livraria Ulmeiro, Lisboa, 1976.

O objectivo deste livro é tentar dar uma análise dos acontecimentos político-militares que se desenrolaram neste país desde 1973 até ao 25 de Novembro de 1975.

Relato de reuniões e confrontos, a nível militar, em que o autor foi activo participante, desempenhando papel fundamental em todo o processo revolucionário, constitui, por isso, uma fonte de informação para a história da Revolução Portuguesa.

Aqui perpassam, segundo a perspectiva do autor, os acontecimentos preliminares do 25 de Abril, do 28 de Setembro, do 11 de Março e do 25 de Novembro, marcos fundamentais do processo revolucionário em curso.

CHE GUEVARA: «Obras». 2 vols. 348 págs. Trad. de Helena de Freitas e Manuel Rui Ferreira. Livraria Ulmeiro, Lisboa, 1975.

Personagem quase lendária das guerras de libertação da América Latina, Che Guevara aliou sempre à sua acção, a teoria das suas concepções políticas, sociais e económicas.

Assim, no primeiro volume que temos presente são incluídos textos de doutrinação política, entre os quais se salientam o seu «discurso ao primeiro Congresso Latino-Americano da Juventude»; «O que deve ser um jovem comunista»; «O que é um guerrilheiro» e «O Socialismo e o Homem em Cuba».

No segundo volume o autor trata de análises de economia política onde expõe as suas ideias sobre o sistema orçamental e de financiamento; a Banca, o Crédito e o Socialismo; A Classe Operária e a Industrialização de Cuba», etc.

Estes dois volumes contendo textos fundamentais de política social e económica, são o espelho do pensamento político que vigora em Cuba.

Documentos de Cuba. 2 vols. 414 págs. Trad. de António José Massano e João Fagundes. Livraria Ulmeiro, Lisboa, 1976.

Trata-se de dois volumes de interesse para o conhecimento da situação político-social de Cuba. Aqui estão reunidos todos os documentos, leis e decretos do governo de Fidel Castro, desde a lei da nacionalização

de empresas e da reforma agrícola e da lei da função bancária à lei da reforma constitucional; Documentos sobre a «prestação de contas», «as responsabilidades do delegado, as comissões de trabalho, enfim toda uma legislação conducente a uma nova ordem político-social e económica que tem vindo a ser experimentado naquela ilha.

SUNG, Kim Il. «Imperialismo Americano: inimigo n.º 1 dos Povos». 115 págs. Trad. de António José Massano. Livraria Ulmeiro, Lisboa 1975.

Inclui este volume alguns textos de Kim Il Sung, o lutador pela independência da Coreia contra o imperialismo americano. Mobilizador das massas populares e das forças revolucionárias do seu país, pode ser considerado o fundador da República Popular Democrática da Coreia.

Constituídos, sobretudo por entrevistas que Kim Il Sung deu a alguns jornais, estes textos dão-nos a conhecer não só o pensamento político do autor como também a sua luta encarniçada contra a influência americana no continente asiático, textos estes que são um autêntico libelo acusatório contra o poder americano.

CHARTREUX, Bernard e JOURDHEUIL, Jean: «Ah Q». 84 págs. Trad. de Luísa Neto Jorge. Col. Teatro Ulmeiro. Livraria Ulmeiro, Lisboa, 1976.

Trata-se de uma tragédia chinesa baseada num folhetim de Lu Sung em que a personagem principal é um pobre criado «Ah Q», cujas raízes se devem procurar na tradição grotesca, mais do que nas figuras de criado do teatro europeu da burguesia.

Espécie de Schweik chinês «Ah Q» é a personificação da própria generosidade perante a opressão dos novos senhores nascidos da revolução de 1911.

Ao fim e ao cabo, esta peça não é mais do que o retrato da sociedade chinesa em decomposição no período final do domínio manchú no seu território.

HARE, David: «Fascheu». 100 págs. Trad. de Jorge Silva Melo. Col. Teatro Ulmeiro. Livraria Ulmeiro, Lisboa, 1976.

Fascheu que quer dizer «revólver», «virar-se» foi para milhões de camponeses chineses a palavra de ordem da sua libertação perante os senhores da terra que os escravizavam.

Relato de novos acontecimentos revolucionários que se passaram na China, «Fascheu» é a transplantação teatral desses factos, baseada no livro de William Hinton e da qual David Hare soube dar todo o vigor dramático de personagens e de cenários.

Um novo vocabulário é pronunhado por aquelas bocas que se despendem das grilhetas da fome e da miséria.

MÚSICA

(Continuação da 6.ª pág.)

interessá-la, habituá-la de tal jeito que seja uma tão grande necessidade a música como o comer e dormir, como o rir e dançar.

E pelo hábito de ouvir, eles querem também experimentar e quando começarem a tocar também um instrumento, senti-lo vibrar nos dedos, nos lábios, na voz, senti-lo vibrar com o coração, com todo o seu ser, eles não dispensarão nunca mais que a música faça parte da sua vida, que a música, qualquer que seja, também seja sua.

O. P. R.

ESCAPARATE

A Livraria Ulmeiro tem vindo a publicar na sua colecção «Cadernos Ulmeiro», algumas das obras fundamentais para a compreensão dos fenómenos político-sociais do nosso tempo.

Desta colecção salientamos: «*Criar Poder Popular*», por Fernando Pereira Marques «*Sobre o Problema das Cooperativas Agrícolas*», por Mao Tsé Tung; «*A Classe Trabalhadora deve conquistar e exercer o poder na frente da ciência e da cultura*», por Samora Machel; «*O M.R.P.P., Instrumento da Contra-revolução*», por J. L. Saldanha Sanches; «*A Grande Tarefa da Revolução consiste em formar o homem novo*», por Fidel Castro; «*Testamento do Presidente Ho Chi Minh*»; «*Os Condenados da Terra*», por Franz Fanon; «*Colonialismo e Alienação*», por Renate Zahar; «*A Questão Judaica*», por Karl Marx; e «*Angola, Documentos da Independência*».

Da mesma editora e na sua colecção «Documentos Secretos», foi publicado o livro: «*Massacres na Guerra Colonial*», onde se transcrevem documentos oficiais com a chancela de secreto, sobre o caso de Wiriyamu, em Moçambique.

Na sua colecção de livros infantis «Para ler/para fazer», publicou «*Como se fazem os bebés*» e «*Era uma vez uma ilha... onde as crianças construíram a escola nova*».

Publicações D. Quixote publicaram «*O Projecto Esperança*», de Roger Garaudy. Para o mês de Outubro estão anunciados os seguintes lançamentos: «*A Filosofia do Mundo Científico e Industrial*» 6.º volume da História da Filosofia, dirigida por François Chatelet; «*Dicionário de Medicina*», por Peter Wingate; e «*Os Chineses*» e «*Os Americanos*» na colecção Edna — Enciclopédia do Mundo Actual.

Publicações Europa-América lançaram dois novos livros da «Colecção Saber», «*Os Testes Psicotécnicos*», por Jean-Marie Favergé e «*A Econometria*», por Pierre Maillat.

Edições Terra Livre publicam há pouco «*Panorama da Literatura Portuguesa do Romantismo aos nossos dias*».

Popclube é o novo jornal de discos e cinema que se publica na Cova da Piedade, sob a direcção de Juvenício Pires.

Jornal mensal que vai já no seu quinto número, tem vindo recheado de boa colaboração e tem primado pelo seu bom aspecto gráfico.

Do seu último número referente a Setembro, destacamos: «*Supertramp ao vivo*», por Carlos Lobo; «*Monta Pop*», página coordenada por Cristina Faro; «*Ex-beatles em fogo!*»; «*Pop-rock — cinema — juventude*»; «*Trap-cine*», por Sérgio Caldeira; «*Música Portuguesa*», página coordenada por Arur Vaz e onde se fala de José Afonso. Completa este número crítica de discos e de cinema.

A Diábril Editora iniciou uma nova colecção intitulada «*Clássicos da Aventura*». Para a inaugurar publicou o romance «*Os Cavaleiros da Cruz*», de Henryck Sienkiewicz, conhecido autor de «*Quo Vadis?*». Trata-se de uma bela narrativa romântica onde se degladiam cruzados e patriotas polacos em plenos séculos XII e XIII.

Na sua colecção «*Antologia Poética*», onde já saíram poemas de José Gomes Ferreira e Manuel da Fonseca, acaba de publicar a mesma editora, uma selecção de poemas de Armando da Silva Carvalho organizada e prefaciada por Gastão Cruz.

Saiu o n.º 7 da revista Mensal de Cultura «*Critério*» agora sob a direcção interina de Cardoso Ferreira.

Do seu sumário salientamos: «*A Universidade de Ontem e a de Hoje*», por J. S. da Silva Dias; «*Um País, Um Projecto Socialista*», pelo grupo S. L.; «*Literatura Pró-Moderna: Neorromantismo ou Neoilustração*», por José Guilherme Mequior e Gilda

Oswaldo Cruz Lehner; «*A Dimensão Estética da Obra Literária*», por Helder Godinho; «*Sobre a Questão da Libertação da Mulher*», por Teresa Ambrósio; «*Qualunquismo Português?*», por J. P. Martins Barata; «*Teatro Manuscrito em Língua Portuguesa...*», por José da Costa Miranda; «*Qualestórias*», por Teresa Rita; «*Uma Carta Aberta a D. Miguel*», por Luís Santa Graça. C.ítica de Livros, por Helder Godinho.

BIOGRAFIAS BREVES

REBELO BONITO



Porfírio Augusto Rebelo Bonito nasceu na aldeia de Concieiro, concelho de Santa Marta de Penaguião, distrito de Vila Real, a 25 de Fevereiro de 1896.

Diplomado em Engenharia Civil e Minas interessou-se pelas linguas la-

JORNAL DO DISCO

GENTLE GIANT — «INTERVIEW»

Aqui está mais um disco de música moderna, desta vez dos Gentle Giant, que deram ao Rock novas nuances rítmicas, através da originalidade dos seus arranjos vocais e das sonoridades estranhas que conseguem arrancar dos seus instrumentos.

«Interview» vem confirmar o valor musical deste agrupamento, que, desde «Octopus», editado em 1972 até este oitavo álbum, tem vindo a consolidar a sua posição dentro da melhor música contemporânea.

O tema deste álbum é a representação musicada de uma entrevista na qual as variações rítmicas e rápidas do violino, do teclado e da bateria, dão ao diálogo o vigor e a fluidez impregnando-o de um clima cheio do colorido e vivacidade.

Um álbum a não perder pela boa técnica instrumental que apresenta.

Notícias — A Valentim de Carvalho vai editar um LP duplo com 28 títulos de Rock que os Beatles fizeram de 1959 a 1970. Aqui se encontrarão «*Back in the USSR*», «*I'm down*», «*Helter Skelter*» e «*I want to hold you hand*» que tanto êxito obtiveram a quando das suas estreias.

— Aparecerá também brevemente «*Suite for pops*» (Horizon SP-701) com a orquestra de Thrad Jones e Mel Lewis — sendo uma homenagem a Louis Armstrong, constitui uma exploração intensiva da tradição das big bands que sempre existiram no jazz.

— Foram editados recentemente os dois primeiros discos da nova colecção de música antiga portuguesa — *A Lusitana Música* — numa realização de Valentim de Carvalho. Esta colecção é composta por obras de compositores do período compreendido entre os séculos XVI e XVII, interpretada por A. Carneira, Carlos Seixas, Luísa Carvalho e Rodrigues Coelho.

J. Santos

tina, francesa e inglesa que dominava com facilidade, tendo-se dedicado também ao estudo da música no seu aspecto histórico, tornando-se um profundo conhecedor de toda a música, desde os gregos aos nossos dias.

Senhor de tão vasto domínio cultural, não é de estranhar que, desde muito cedo, tenha colaborado em jornais e revistas. Assim, aos vinte anos, era colaborador do jornal académico A Luz, com artigos de carácter literário.

Esta actividade jornalística prolongou-se por toda a sua vida e assim podemos encontrar a sua colaboração nos jornais: *Gazeta Musical* e de todas as Artes, *Jornal de Notícias*, *Orfeu*, *Comércio do Porto* e *Defesa de Espinho* (no suplemento «*Defesa Literária*») e nas revistas: *O Tripeiro*, *Lusitana*, *Céltica*, *Douro Litoral*, *Boletim Cultural das Câmaras Municipais do Porto*, *Póvoa de Varzim* e *Santo Tirso*, *Oliva*, *Revista Portuguesa de Filologia* e *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.

Em 1944, depois de uma grave doença que o acometeu e lhe reduziu a sua capacidade física, Rebelo Bonito, dedicou-se a estudos de musicologia e etnologia, através de conferências, teses, artigos e colóquios.

De salientar as seguintes comunicações em vários colóquios: *Reminiscências da Poética Medieval no Cancioneiro Popular, no Congresso Histórico de Portugal Medieval em Braga* (1959); *O Mar nos Autos de Gil Vicente, nos Colóquios de Matosinhos* (1963); e *Bailes Populares Dramáticos na Capital Transmontana, no Colóquio de Estudos Etnográficos «Rocha Peixoto» na Póvoa de Varzim* (1966).

Da sua vasta e multifacetada obra cultural destacamos as seguintes: *Linguagem Literária e Linguagem Musical, separata de O Comércio de Leixões; Linguística Profissional, separata de O Douro Litoral* (1955); *Do Teatro Popular Maiato, separata das Actas do I Congresso de Etnografia e Folclore de Braga* (1956); *Alguns Aspectos da Música Popular Portuguesa, separata das Actas do I Congresso de Etnografia e Folclore de Braga* (1961); *A Música nos Autos de Gil Vicente in Guimarães e Gil Vicente, publicado pela Câmara Municipal de Guimarães* (1958); *Chulas, Chã-ambas e Desgraçadas, edição da Câmara Municipal de Santo Tirso* (1959); *As Mouriscas na Coreografia Popular, separata das Actas do Colóquio dos Estudos Etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos»* (1960); *Excelências da Lírica Popular, separata da revista Ocidente* (1960); *Pregões do Porto, separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* (1963); *Uma Farsa Popular Canavalesca no Concelho de Santo Tirso, separata das Actas do Congresso Internacional de Etnografia de Santo Tirso* (1965); *Nossa Senhora na Lírica Popular, separata dos Trabalhos de Antropologia e Etnografia* (1966) em 23 capítulos.

Rebelo Bonito morreu a 11 de Maio de 1969. Existe uma *nótila Bibliográfica sobre o autor de autoria de Fernando Ferreira Bonito em separata da Revista Portuguesa de Filologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, donde extralimos estes apontamentos.*

CARTAS AO DIRECTOR

No jornal «DE», n.º 2321, de 1 do corrente, vem feita referência destacada, na última página, documentada com fotografia, a um facto aberrante que se verifica no bairro habitacional «CORFI».

O colaborador desse jornal, que comenta o facto e faz perguntas para as quais se requerem respostas, deveria, antes de englobar, numa forma generalizada, «as senhoras e as suas trabalhadoras», na mesma responsabilidade pela falta de civismo que se verifica, fazer um rápido inquérito junto de moradores (dos mais próximos da lixeira em questão), de forma a ficar melhor identificado sobre o assunto. E chegaria, certamente, a conclusões que poderiam dar uma achega para solução dum problema, sem atingir moradores que já de si são vítimas das circunstâncias. E nem sequer haveria necessidade de fazer distinção entre «senhoras» e «trabalhadoras domésticas», pois me parece que umas e outras se enquadram dentro do mesmo conceito de «trabalhadoras».

O problema — que é importante resolver — não é novo. O signatário, como prova através das fotocópias anexadas, já oficiou aos Serviços Municipalizados de Espinho, em 12 de Julho do corrente ano, nesse sentido; não sendo da competência desses Serviços o problema em causa, segundo informação prestada por ofício de 13 do mesmo mês, foi feita exposição, em 14 do referido mês de Julho, à CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO, chamando a atenção para o «cancro» existente e pedindo as necessárias e urgentes

providências adequadas, sugerindo a colocação imediata de um recipiente apropriado no local, de conta da Câmara, ou do proprietário do complexo habitacional, ou dos moradores.

Pese, embora, a premência e gravidade do assunto, decorrido este lapso de tempo, nem o signatário recebeu qualquer resposta à sua exposição — e não decorridos quase 90 dias —, nem a Câmara tomou quaisquer providências. E, em consequência, os moradores têm de suportar a classificação que o vosso colaborador lhes atribuiu. Se isso não afecta alguns dos moradores, provavelmente até porque não cumprem as regras higiénicas que deveriam observar, não deixa de ser verdade que afecta outros, como os meus familiares, «favorecidos» com a vizinhança constantemente presente de cheiros nauseabundos e pestíferos.

E como toda a nossa cidade de ESPINHO ficou a saber que os moradores (todos) do populoso bairro «CORFI», não são pessoas que saibam o que é civismo, rogo que V. Ex.ª ordene a publicação da presente carta na «DE», num próximo número e com o mesmo destaque.

Acácio Luís de Oliveira Gonçalves

N.R.: — Juntamente com a carta deste nosso estimado Assinante, recebemos as fotocópias dos documentos aos quais o mesmo faz referência e que, por dispensáveis na circunstâncias, nos escusamos de publicar.

SILVALDE

ASSIM VAI A VIDA...

AINDA O CAMINHO DE BARROS

Francamente, custa-nos repisar o mesmo assunto; mas custa-nos muito mais sofrer, por nós e pelos outros, o miserável estado em que se encontra a estrada(?) que liga a rua do Loureiro à rua do Golf. Não tem dois palmos sem covas, de nada tendo valido os pobres remendos que a Junta de Freguesia tem dado.

A Junta falou à Câmara. A Junta oficiou à Câmara. A Câmara despachou para os Serviços Técnicos. Ainda não teriam estes Serviços encontrado a solução? A Freguesia de nada sabe.

Mas facilmente adivinha que o problema já estaria resolvido se lá morasse algum dos responsáveis ou por lá tivesse de passar muitas vezes para o seu trabalho.

Argumentou-se que aquela zona é industrial; pois que seja. Mas se nestes vinte anos próximos não se construiu lá fábricas, a rua ficará sempre assim?

É de elementar justiça salientar o espírito de boa colaboração que tem existido entre as C. A. da Câmara e da Junta.

Será pedir muito, apelar para que se resolva, já, esta urgente necessidade?

FINALMENTE, CHEGOU A LIMPEZA!

Após tantos meses de espera, chegaram os cantoneiros para devastar o ervame e a estrumeira que cresceu em profusão na confluência da E. N. 109 com a da Feira. Será limpeza de pouca dura, porque enquanto o sistema de esgotos funcionar directamente para a rua, a moléstia manter-se-á, para gáudio da bicharada.

ELEIÇÕES DO GRÉMIO DA LAVOURA

No passado sábado, funcionou nesta freguesia a 6.ª mesa de voto, referente ao concelho de Espinho, para a eleição da nova Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura de Gaia e Espinho. A mesa teve a seguinte constituição: Joaquim R. Pinto de Oliveira, Adelino A. Moreira, José de Macedo e Domingos S. Pinto.

Apresentaram-se 2 listas; a lista A formada por: Rogério Leite A. Reis, António Leça Coelho, Manuel Ramos de Almeida, Constantino A. Vinhas e António F. de Macedo; a lista B, por: José Pinto P. Santos Araújo, Manuel A. Novo, Francisco C. Lopes e Manuel Gonçalves M. Castro. O resultado nesta mesa foi o seguinte:

Lista A: 93 votos; lista B: 7 votos.

JORNAL «A BARATA»

Saiu o 1.º número do já anunciado jornal mensal doutro grupo de jovens. «A Barata» é o seu nome. Será por graça ao «Besouro»? Recebêmo-lo com natural expectativa, que ficou desiludida, porque não é «mais um» a repisar temas e estilos. Tem personalidade própria e, sobretudo, uma boa dose de humorismo que, convenhamos, é o que faz falta a muita gente. A receptividade da freguesia foi boa. Sabemos que já se encontra pronto o 2.º número e o mesmo grupo está a preparar outras actividades. Bravo, rapazes! Trabalhar é que é preciso!

E «O BESOURO» FOI PROMOVIDO

Não podíamos deixar de saudar a equipa do «Besouro» que não só aceitou a colaborar nesta melhoria notória de «DE», como viu, por mérito próprio, o seu trabalho ser promovido da pequenez de fronteiras à letra de imprensa para um alargado público leitor.

Como era de esperar, os trabalhos dos «Zumbidos» foram de bom nível e deixaram nos leitores de «DE» a melhor impressão.

Mas o ógão policopiado do Grupo continua a sua carreira.

Entretanto, esperamos que aumente muito o número de assinantes de «DE» em Silvalde.

Manel

AOS NOVOS ASSINANTES

Terminada a campanha de novos assinantes, «DE» vem informar que vai iniciar as cobranças através dos CTT.

Espera assim ir de encontro aos desejos dos seus novos leitores que colaboraram na campanha realizada e que desejavam liquidar o seu débito.

NOVOS ASSINANTES

José Augusto M. Silva Pereira, José Augusto Vicente M. dos Santos, José Aurélio Correia Pinto, José Azevedo Peres Bizarro, José Bernardo do Carmo Roseta, José Carlos Figueiredo I., José Carlos Monteiro da Silva, José Carlos de Almeida Bernardes, José Carvalho da Fonseca, José Castro Gandara, José Claudino Alves Salgueiro, José Clemente da Silva, José Coelho de Abrantes, José Correia Carvalho Ribeiro, José da Costa Leite A. Antunes, José Dias Campos, José Diniz M. Campos Pinto, José Domingues Aguiar Gomes, José Domingues de Oliveira, José Domingues Pereira dos Santos, José Eduardo Neves Braga, José Elípio Fajardo Seabra, José Fausto P. Aives Ricardo, José Fernandes da Silva, José Fernandes A. Ferreira Mendes, José Fernando Ferreira, José Fernando Gomes do Couto, José Fernando Ramos Resende, José Ferreira Pais, José Ferreira de Sá, José Francisco de Oliveira, José Francisco Pires Serra, José Gomes da Costa, José Gomes Ferreira, José Henriques da Silva, José Jaime Magalhães Lopes da Silva, José de Jesus Bico, José de Jesus da Cunha Folha, José de Jesus Oliveira, José Joaquim de Almeida, José Joaquim da Costa, José Joaquim Pires Capela e José Joaquim Monteiro.

QUANDO MORRE UM POETA

(Continuação da pág. 12)

de diferença de idades. Eu tinha 22 anos e o Poeta, três décadas sensivelmente mais. Todavia, o seu espírito mantinha uma vivacidade que ofuscava a minha juventude. Porque os Poetas não têm idade definida, são sempre jovens.

Carlos Morais, de trato extremamente delicado e numa voz afável, disse-me — Tenho o artigo que escrevi para a «Defesa de Espinho», mas verifico que há uma frase que você aqui tem, que não está completa. Pois diz, «Nuvens negras de descrença e pessimismo ensombram». Ora, o verbo ensombrar é transitivo, necessita dum complemento, por exemplo: ensombram os Céus. Concorda? Respondi-lhe, está certo, a frase estava incompleta. Depois tivemos um demorado diálogo. E quando nos despedimos, ele disse-me: Tenho uma enorme simpatia pelos novos que se interessam pela actividade de escrever. Infelizmente hoje, raros são. É certo que os tempos que vivemos também não são propícios...

São decorridos 31 anos daquele encontro, mas hoje mantenho viva e

inesquecível a recordação do Poeta e do Homem simples que naquela noite tive a oportunidade de conhecer.

Carlos Morais viveu sempre em Espinho, e pela idade provecta com que faleceu, pois julgo que ultrapassava os 80 anos, teve o ensejo de acompanhar a evolução social e urbanística de Espinho. E como poeta, traduzi-la nos seus versos.

Carlos Morais, quase que viu nascer Espinho, por isso, ele amou e acarinhou Espinho, como quem acarinha e cria um filho. Nos seus versos cantou Espinho antigo, «A Fonte do Mocho», as cavaqueiras domésticas do velho «Café Chinês», até à actual cidade de Espinho.

Como amigo, admirador e sobretudo como espinhense, vão nas palavras que finalizam esta homenagem, o meu reconhecimento e testemunho ao Poeta pela contribuição que deu ao engrandecimento de Espinho. À sua maneira, como poeta, intelectualmenet.

Quero ser silencioso e duro como a Pedra, e ter a voz altitonante do Trovão! Ter na alma, a cristalina esperança da Primavera, e ter no peito, o fogo oculto dum Vulcão.

Quero ser leve como o Ar, e voar livremente, como voa o Pensamento. Ter asas, com a dimensão do Mar, e espaço, com a extensão do Firmamento.

Para leite quero, as longas veredas pejedadas de luar, e como lençol, o espesso manto negro, que à noite envolve o Mar.

Carlos Morais morreu, Espinho perdeu um amigo. Mas:

Quando morre um Poeta! O Povo perde um amigo, o Mundo fica mais pobre, mas nasce uma estrela no Céu.

Lisboa, Setembro de 1976.

ÁLVARO BAPTISTA

LEIA E ASSINE «DE»

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

* MÚSICA DE BAILE *

Pelos Conjuntos :

- TOP GROUP SHOW
- SURPRISE

Orquestra de SHEGUNDO GALARZA

* V A R I E D A D E S *

- Ballet Jean Paul Morillon — Ballet Francês
- Nicholls y Honey — Ilusionistas espanhóis
- Marina Rosa — Fadista

A PARTIR DE 18 DE OUTUBRO

- Ana Hortense — Cançonetista

* RESTAURANTE - BOITE *

Jantares Concerto — Esmerado Serviço seguido de Baile e Variedades

— SLOT - MACHINES —

* C I N E - T E A T R O *

SESSÕES TODOS OS DIAS — às 15,30 e 21,30 horas

TELE-ROCHA

RUA 31, N.º 469
Telef. 920325 - 920977

ESPINHO

GRANDE CAMPANHA DE PREÇOS

ALCATIFA PÊLO ALTO — 200\$00 M2, C/ ASSENTAMENTO	
Fogão misto — 3 gás, 2 eléct. — com porta-botija	6.990\$00
Trem, louça de esmalte — com 10 peças	1.600\$00
Ferros automáticos	299\$00
Batedor (varinha mágica) «Taurus»	450\$00
Televisão — desde	4.500\$00
Fritadeiras eléctricas — desde	1.800\$00
Cartuchos gravados	80\$00
Cassetes gravadas	60\$00
Cartuchos virgens	50\$00
Cassetes virgens	25\$00

VENDA E APLICAÇÃO DE PAPEL DECORATIVO

MÓVEIS — ALCATIFAS — ESTOFOS

INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES EM ELECTRODOMÉSTICOS

diversos

«VIAGENS ESPECIAIS AO BRASIL»

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO CONCORDE

EXCURSÕES TODOS OS MESES

PRÓXIMA PARTIDA — 13 DE NOVEMBRO

- ESPINHO — Rua Doze, 628 — Telef. 921941
- AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 223 — Telef. 28229
- AGUEDA — Rua Fernando Caldeira, 39 — Telef. 62353
- ÍHAVO — Praça da República, 5 — Telef. 25620

fabricantes

MANUEL PEREIRA FONTES

— FÁBRICA DE TAPEÇARIAS —

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P Telef.: 921316/7/8
SILVALDE — ESPINHO

advogados

**FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877—Telef. 922210
ESPINHO

SUPERMERCADO DO LAR

RUA 62, N.ºS 227 A 231 — ESPINHO

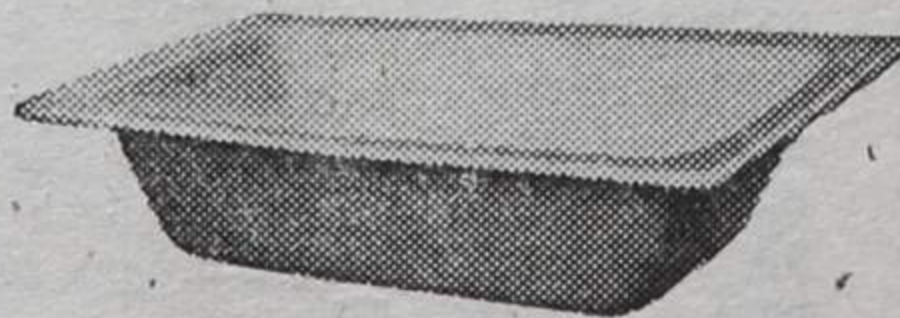
MAPLES A PREÇOS INACREDITÁVEIS ★ SÓ ESTE MÊS
Grande Campanha de Baixa de Preços

Móveis de Sala e Quarto — Móveis de cozinha por elementos e outros — Papéis pintados — Cortinados — Alcatifas, Carpetes, Tapetes, Pavimentos nacionais e estrangeiros — Maples — Candeeiros — Electrodomésticos — Colchões — Almofadas — Adornos e um sem fim de utilidades para o lar — Alcatifas estrangeiras a 110\$00 m2

Pessoal especializado em decorações e colocações de:
Papéis — Alcatifas — Pavimentos

**ENTREGAS
AO DOMICÍLIO**

METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.



Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado.
Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

médicos

DR. AUCÍNDIO VALENTE

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais
Rua 20 n.º 500-1.º

Telef. 921014

Dias: 3.as e 6.as-feiras
com hora marcada

Confeitaria Central

ESMERADO FABRICO DE PASTELARIA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

SALÃO DE CHÁ — MERCEARIA FINA E FRUTAS

JOSÉ TEIXEIRA LOURENÇO

Rua 8, N.º 691 (frente ao Teatro S. Pedro) — Telefone, 920605
ESPINHO

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891 ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

CASA DAS CHAVES

F. S. SILVA

Rua 23 N.º 444-R/C — Espinho

Especializada em consertos e modificações de fechaduras — Mande fazer a sua chave apenas em um minuto — Cofres portáteis — Fechaduras e Sinais de Alarme, etc.

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Picheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

J. PINTO VALENTE

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral

Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO

Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183

TIPOGRAFIA — LITOGRAFIA

EMPRESA GRÁFICA DE SEIXEZELO

S. Q. R. L.

Fundada em 1960

SEIXEZELO — V. N. DE GAIA

APARTADO 13 — ARGONCILHE — TELEFS.: 964222-964847

FOTO DIN

FAUSTO & LEONEL, LDA.

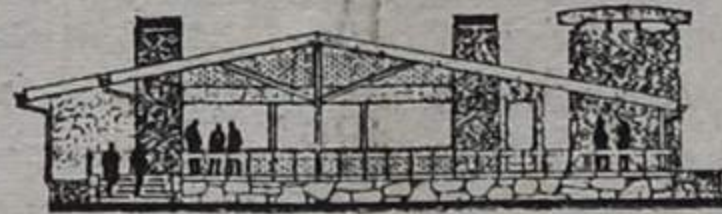
Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19, n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

hotelaria

ATENÇÃO

Reabriu ontem, com todos os seus serviços, o



Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

TELEFS. 921322-921966

GRANDE FESTIVAL DE MARISCOS

Com vista panorâmica para o Mar

Pratos especiais:

- BACALHAU À CABANA
- COSTELETAS À ALENTEJANA
- TORNEDÓ À AMERICANA
- ARROZ DE MARISCO

A nova Gerência agradece a sua visita
Aos domingos e feriados,

matinés dançantes

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

AUSENTE EM INGLATERRA

DR. ROGÉRIO RIBEIRO

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º
Telefone, 921014 — ESPINHO

R. de S.ta Catarina, n.º 778-1.º
Telefone, 33868 — PORTO

ourivesarias

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19, N.º 307

ESPINHO

modas

FONSECA

MODAS — TECIDOS

RUA 19, N.º 275 — Telefone, 920413 — ESPINHO

tratamentos

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Horário:
das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922392
Noite

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO
Frente à Igreja

«DE» — EXPEDIENTE: { 2.ª a 6.ª — 14,30 às 19,30 horas
Sábados — 9,30 às 12,30 horas



FUTEBOL

SP. DE ESPINHO CONTINUA NA TAÇA

ZERO-ZERO no encontro de Ponte de Lima. Com o L'MIANOS (3.ª Divisão) a impôr um «nulo» após 120 m.! Na 4.ª feira, repetição no «Avenida» e os «tigres» venceram por 4-0.

Lá, quase uma surpresa. Terreno mau, por causa da chuva. Os da casa mais adaptados. Estiveram mais próximos do tento. Importunaram. Valeu o prolongamento, aos 3 m. uma bola à barra, galvanizou os ca «cabelos» e os «tigres» aguentaram e conseguiram transferir a decisão para casa. Embora tivessem outra obrigação.

FICHA TÉCNICA

LIMIANOS, 0 — SP. ESPINHO, 0

Campo: do Cruzeiro — Ponte de Lima.

Árbitro: Aventino Ferreira (Braga), coadjuvado por Domingo Gonçalves (bancada) e José Queirós (peão).

LIMIANOS—Caçador; Nascimento, Marinheiro, Azevedo e Óscar; (Brandão, 71 m.) João Pimenta, Franclim e Costa (Toninho, 42 m.) José Maria, Pilo e Massadas. Ao intervalo: 2-0. Golos: Reis (36, 40 e 83 m.) e Serrão (76 m.).

Cá, no «Avenida», um concludente 4-0. Resultado a reflectir, apenas a diferença entre a 2.ª e 3.ª divisões. Num jogo desastrado. Nem de um, nem de outro lado. Exibições para esquecer, um encontro para o rol dos que exemplificam como não se deve jogar futebol.

Venceu a equipa de maiores potencialidades, um opositor bríoso. Perdeu o futebol, pela má qualidade do jogo. Enfim, os «tigres» continuam na «Taça».

FICHA TÉCNICA

SP. ESPINHO, 4 — LIMIANOS, 0

Campo: «Avenida».

Árbitro: Américo Borges (Porto) auxiliado por Álvaro Magalhães e Pinto Besa.

SP. ESPINHO — Serrão II (Quim, 65 m.); Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Castanheira; Meireles, Alemão e João Carlos; Serrão I, Reis e Canelas, Malagueta, 72 m.).

LIMIANOS—Caçador; Nascimento, Marinheiro, Azevedo e Óscar; (Brandão, 71 m.) João Pimenta, Franclim e Costa (Toninho, 42 m.) José Maria, Pilo e Massadas.

Ao intervalo: 2-0. Golos: Reis (36, 40 e 83 m.) e Serrão (76 m.).

Domingo, o SP. ESPINHO vai a PENAFIEL para o «nacional» da 2.ª divisão, às 15 h.

«Regional» de Juvenis da 1.ª Divisão

S. C. Espinho, 4-Estrela, 1

S.C.E.: Domingos; Ferreira, Rui, Cancela e Brito; Pereira, Marques e Hermínio; Maia (1), Moreira (2) e Rocha (1).

No início do «regional» aveirense, a prometedora equipa do S.C.E., fez um sério aviso de que os habilidosos «tigres» serão um dos candidatos ao título.

Domingo a turma de juvenis joga em CUCUJÁES às 10,30 h.

«RECUERDOS» DE ESPANHA

(Continuação da pág. 4)

final aos nosso escritos espanhóis, vamos historiar-lhes pormenores do curso e abordar questões voleibolísticas. Isto mais para quem gosta da modalidade e, em Espinho, há muito.

A quantos tiveram a pachorra de me ler, podem estar sossegados, agora só em Janeiro é que vos darei conta de outros recuerdos e, até lá, adiós, amigos!

T. C.

MOSAICO

A selecção nacional de futebol que, no sábado, defronta nas Antas a Polónia, fez, em Espinho, nos Pavilhões do SCE e do Liceu, algumas das suas sessões preparatórias.

★

O Torneio de Voleibol do SCE, inicialmente dotado com a Taça «Carlos Ferreira», destinada à equipa vencedora, terá agora mais três troféus, denominados «António Octávio (Toninho)», para o 2.º, «José Ribeiro», 3.º lugar e «Marçal Duarte», 4.º lugar.

Homenageia-se, assim, dois incansáveis desportistas e trabalhadores, a quem a Secção de Voleibol do SCE muito deve, bem como um dirigente que, sempre, mesmo quando presidente, soube acarinhar as modalidades não futebolísticas.

★

Parece que a AAE levou uma nega da Comissão Municipal do Turismo, quando lhe solicitou um subsídio para o projectado Torneio Internacional de Hóquei em Patins.

A CMT só se disporia a cobrir a hipótese de um possível prejuízo até 20 contos.

Eis um assunto capaz de levantar celeuma, porquanto, este critério não estará na linha de coerência anterior do CMT, até porque uma competição internacional, onde devem figurar duas das melhores turmas portuguesas e uma das melhores espanholas, constitui promoção turística para Espinho.

★

Ainda sem estar decidido em definitivo, o encontro Sp. de Espinho-Salgueiros, adiado devido à chuva, poderá ser disputado no dia 31 deste mês e continuará a ser «Dia do Clube».

★

No «Tototigre» n.º 6, venceu, pela primeira vez, uma senhora, de Espinho.

A D. Rosa Silva Pais, assim se chama a vencedora, fez 8 pontos e teve, até agora, o «record» dos prémios: Esc. 6.002\$50.

★

A última hora, de boa fonte, mas sem poderemos confirmar a notícia, ouvimos: Cila, o futebolista brasileiro, poderá regressar aos «tigres!» Boato ou realidade?

★

Porque será que o treinador da selecção nacional de futebol de juvenis não enxerga o valor de Domingos e Sabença, ao menos para uma convocação para os treinos?

O SECRETARIO DA JUVENTUDE E DESPORTOS ESTEVE EM ESPINHO

Não em visita oficial, como se impõe e, certamente, ainda há-de acontecer, porquanto Espinho é um centro desportivo de grande valor e o primeiro do distrito aveirense, esteve na Praia Rainha da Costa Verde o secretário de Estado da Juventude e Desportos, dando satisfação a um convite particular do Departamento de Actividades Amadoras do Sp. de Espinho.

A reunião de trabalhos decorreu durante um repasto informal, na noite da última 3.ª feira, durante a qual os dirigentes sportinguistas puseram aquele membro do Governo ao corrente da problemática que os apoquentam, ficando com a certeza de que a mesma vai ser alvo do melhor interesse e contarão com o devido apoio.

Para já e de molde a poderem concretizar a anunciada ampliação do Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Jr.», o secretário de Estado irá conceder-lhes um subsídio, bem como outro para poderem pôr em funcionamento «escolas de natacão», laborando na Piscina coberta e aquecida de Lamas, conforme os espinhenses desejavam, há mais de um ano, porém nunca encontrando o devido apoio da DGD, à qual se haviam dirigido.

Entretanto, segundo soubemos posteriormente, a Associação Académica de Espinho, embora convidada para esta reunião, acabou por declinar o convite, por discordância com determinados aspectos da mesma.

SUGERIMOS

A SELECCAO DE FUTEBOL DA DINAMARCA VEM PARA ESPINHO! Precisamente. Os nórdicos, que terão de disputar com a «equipa das quin-nas» um encontro para o «municipal», o qual se deverá jogar nas Antas em 17 de Novembro, 4.ª feira e à noite, resolveram fazer de Espinho o seu «quartel general».

Assim, a caravana dinamarquesa, com 31 pessoas, já tratou de marcar alojamento no «PraiaGolfe», para o período de 15 a 18 de Novembro.

Bom seria que se aproveitasse a ocasião para, por intermédio da Comissão Municipal de Turismo e Clubes, se proporcionar à caravana dinamarquesa uma singela sessão de boas-vindas, com oferta de algumas lembranças, o que seria não só um gesto cortês perante uma embaixada desportiva que escolheu a nossa terra, como uma forma de fazer promoção turística.

Aqui deixamos a sugestão, no convencimento de que, pelo menos, poderá ser meditada.



BADMINTON

Continuam as provas de preparação dos trigres

O Badminton é, indubitavelmente, uma modalidade em foco em Espinho. Em foco, pois novata está a suscitar grande interesse e a demonstrar a jeiteira dos espinhenses para a difícil modalidade da raqueta e do volante.

Em nova organização da Secção de Badminton do SCE, mais um torneio que ocorreu, no derradeiro domingo, no Pavilhão «Joaquim Moreira da Costa Júnior», durante a tarde e no qual se contou com a presença da turma do Liceu Alexandre Herculano.

A competição voltou a corresponder e, de igual modo, os praticantes espinhenses souberam corresponder no confronto com parceiros mais evoluídos, já que têm outra prática.

De qualquer forma, nova sessão positiva para a evolução e treinamento dos entusiásticos praticantes locais.

Eis os resultados:

FINAIS

Singulares/Homens

Henrique Neto (AH)-Rui Cabral (AH), 2-0 (15/14;15/9).

Singulares/Senhoras

Lúcia Neves (AH)-Teresa Leite (SCE), 2-1 (7/11; 12/11; 12/9).

Estas provas foram disputadas com eliminatórias à 1.ª derrota.

Pares/Homens

Série A

- 1.º Henrique Neto/Mário Pereira (LAH);
- 2.º Pinto Leite/Miguel Rocha (SCE)
- 3.º Rui Leitão/Luís Costa (LAH)

Série B

- 1.º Diamantino Pereira/Rui Cabral (LAH)
- 2.º Rui Bonito/Luís Augusto (LAH)
- 3.º João Artur/Artur Paulo (SCE)

Estas provas foram disputadas em «poule» e na «final» o resultado foi:

Henrique Neto/Mário Pereira(LAH)-Diamantino Pereira/Rui Cabral, 2-0 (15/1; 15/5)

Pares/Mistos

Nesta prova, também em «poule», a classificação final:

- 1.º Lúcia Fátima/Henrique Neto (LAH)

ESTA SEMANA...

APLAUDIMOS

...o punhado de «carolas» que, mais uma vez, levou a bom termo a «tômbola» do Sp. de Espinho, uma das maiores fontes de receita dos «tigres»... para o futebol.

REPUDIAMOS

...que a receita da «tômbola» seja, totalmente, para o futebol profissional dos «tigres», já que as valorosas actividades amadoras também vestem a mesma camisola e têm muitas dificuldades financeiras.

T. C.

- 2.º Teresa Leite/Fernando Gouveia (SCE)
- 3.º Luísa Neves/Diamantino Pereira (LAH)

Entretanto, 6 jogadores espinhenses estiveram no dia anterior no Torneio Convívio do Clube Galios de Aveiro e também aí deram boa conta do recado.

Assim, os espinhenses atingiram duas «finais», com os resultados seguintes:

Singulares/Senhoras

Cecília Amador (AA)-Teresa Leite (SCE), 2-0 (11/1; 11/9)

Pares/Homens

Luís Regala/Bruno José (CGA)-João Artur/A. Paulo, 2-0 (15/11; 15/11)

Para já não estão programados mais torneios e, apenas, no aniversário do Clube se pensa fazer certames para infantis e veteranos.

F. G.

TOTOBOLA

CONCURSO «ORGAOS DA INFORMAÇÃO»

N.º 8-24 OUTUBRO-76

- Belenenses - Varzim x
- Benfica - Boavista 1
- Guimarães - Setúbal x
- Portimonense - Académico 1
- Leixões - Estoril 1
- Beira-Mar - Braga x
- Montijo - Sporting 2
- P. Ferreira - G. Vicente 1
- Vila Real - U. Lamas 1
- Feirense - U. Coimbra 1
- Covilhã - Peniche 1
- Oriental - Marítimo 2
- Cuf - Vasco da Gama 1

«DE» NA IMPRENSA INTERNACIONAL

O jornal brasileiro, «A Voz de Portugal», semanário que se publica no Rio de Janeiro, trazia na sua edição de 8 do corrente, na sua secção «Em Pocas Linhas», a transcrição na íntegra, de um dos nossos «Objectivos», este da autoria do nosso colaborador Azevedo Brandão. Transcrevemos a local de «A Voz do Brasil»:

ESPINHO—O jornal De Defesa de Espinho, depois de constatar que o gelado, tipo italiano, vendido na cidade custa 150\$00 o kg., enquanto em Setúbal pode ser adquirido por 80\$00, pergunta: Espinho e Setúbal são ambas cidades em Portugal? Então, por que tão grande diferença?

E NA REGIONAL

No passado dia 1 «A Voz Portuguesa» transcreveu, na íntegra, o artigo «Urbanização», da autoria do nosso colaborador João Quinta.

DESPORTO



HOQUEI EM PATINS

TORNEIO INTERNACIONAL EM ESPINHO

Espinho, e o norte do país, vão ter oportunidade de assistir a um torneio internacional de hóquei em patins, certame que, segundo se perspectiva, será para realizar anualmente e com a maior valorização desportiva possível.

A nível da secção de hóquei em patins da AAE, onde há uma lufada de entusiasmo novo, preparam-se diversas iniciativas, uma das quais já anunciamos a semana finda, relativamente ao Torneio «Francisco Caldeira», destinado a infantis.

Agora, está na forja um torneio internacional, seniores, sobre o qual podemos, desde já, levantar a ponta do véu.

Nesse certame, no qual se conta com duas das melhores turmas portuguesas, uma nortenha outro do sul, também haverá um conjunto espanhol, da primeira divisão e classificado nos lugares cimeiros, além, claro, da equipa da AAE, que se prepara para fazer uma boa época,

estando a trabalhar em cheio, depois de um período inicial de preparação física intensa, sob a orientação de Vladimiro Brandão, e agora já entrou, também, na parte técnica e táctica, treinando três vezes por semana debaixo das ordens de Luís Sousa.

A competição deve-se realizar, em princípio, em 4 e 5 de Dezembro, (sábado e domingo), será patrocinada por uma entidade privada, constitue o ensaio para a institucionalização da prova e, para já a Comissão Promotora, constituída por Dr. Amadeu José Moraes, Marçal Duarte, Silvano Fidalgo, Vladimiro Brandão e Carlos Sárria, principia a estruturar a competição.

NÃO BASTA!

Esquecidos — ou desconhecidos — das lições do passado anterior a 1926, os portugueses prepararam, com dolorosa inconsciência (obedecendo, talvez, a uma vocação para o suicídio) o caminho do regresso para as forças da direita. Estas, quando voltarem a ter o poder na mão, não mais o largarão e bem caro havemos de pagar os trinta e tal meses de Liberdade (e também libertinagem, e também licença, há que averbá-lo no passivo de certa «esquerda») que o 25 de Abril nos trouxe.

A direita não se desune, é coesa, é um bloco sem quebras.

Ao passo que a Esquerda...

Antes do 25 de Abril, a maioria dos portugueses pensantes e dignos — ainda fica muita gente de fora, desgraçadamente — estava unida, numa união motivada por um inimigo comum: a tirania, o despotismo, a opressão.

Pouco tempo depois dessa data — cada vez uma saudade envergonhada — o que passámos todos a ver?! Uma fragmentação, uma pulverização, uma atomização da Esquerda, reduzindo cada fracção a uma ridicularia. A direita, tendo para já, efectivos numericamente inferiores, não tardará a conseguir avantajar-se a cada um dos partidos de esquerda.

Se a esquerda tem muito a conquistar, a direita tem muitíssimo a defender. E ao passo que a gente progressista dispersa estúpida e crinosamente as suas forças e se aplica, burramente, a atacar-se e dilacerar-se, numa estúpida chacina que tem algo de uma autodestruição, tudo isso em nome de nebulosas bizantinas, de estereis discussões conceptistas; a direita, manhosamente, arditamente, apenas espera que, de cansados e sem fôlego, os homens da Esquerda acabem por pousar para então os abater sistematicamente um a um e fazer regressar as trevas que só a ela aproveitam.

Em muitos — talvez demasiados — homens de Esquerda (ou que assim se dizem) noto o seguinte: consideram-se satisfeitos, realizados, só porque vêem (ou julgam ver) uma certa forma de Democracia, uma forma de Democracia florescente em países capitalistas e que garante uma espécie de liberdade muito conveniente para os magnates mas que pouco ou nada adianta para aqueles que pouco ou nada têm.

O facto de haver eleições livres (e bom é que as haja); o facto de haver liberdade de expressão, de reunião (e bom é que as haja); o facto de o povo designar os seus representantes que decidirão (...) do que a esse povo convém (...) ou não convém (e bom é que assim seja); o facto de haver vários partidos em que quem o deseje possa filiar-se ou não (e acho desejável que assim seja); isso — essa interpretação da Democracia lhes chega. Consideram-se atribuídos à Terra Prometida, acham que podem descansar, que é abuso pedir mais.

Mas, c'os diabos, a mim parece-me que a Democracia não é uma finalidade, não é, em si, um objectivo. Na minha opinião, ela é, sim, um instrumento, um meio para alcançar algo de mais importante.

Quem da Democracia faz um alvo, assemelha-se-me a um gato que corre atrás do próprio rabo; a um fanático que da religião apenas põe em prática os ritos, papando hóstias, papando missas, papando novenas; a um trapo sanguinário que ama a guerra pela guerra.

Acho tristemente revelador que nas discursatas das altas personalidades deste país, apareça cada vez frequentemente a palavra Democracia e cada vez mais raramente a palavra Socialismo, como se esta designasse algo de escandaloso, de vergonhoso, de obscuro; como se esta fosse ferir susceptibilidades que convém não irritar.

Se a Democracia serve para ter instituições democráticas e as instituições democráticas servem para salvaguardar a Democracia (assim como se as batatas servissem apenas para alimentar os lavradores para que es-

J. A. GODES

tes tivessem forças para plantar novas batatas que por sua vez... etc., etc.) se é para isso que ela serve, então bolas para a Democracia maior — seu círculo vicioso.

Uma Democracia que a si própria se toma como objectivo, não passa de exercício de retórica, de pretexto para palavrado oco, para malabarismos parlamentares, para réplicas e

RADAR

REPÓRTER PESTANA

QUE ESPÉCIE DE ZELO P'RAÍ VAI, SR. CHEFE!

Com que então (ainda) a Dona C.P. em lugar de procurar eliminar os obstáculos, que ao desenvolvimento cidadão tem causado ao longo dos anos, procura, entretanto, aumentá-los, não é assim sr. Chefe?

Já não basta que se tenha construído um novo cais de mercadorias lá no sul, substituindo o velho barracão, que agora (há meses) espera provavelmente um «corta-fitas» para proceder à respectiva inauguração.

Já não basta que os automobilistas aguardem tempos infínitos nas passagens de nível, para no fim e ao cabo as cancelas se abrirem sem que haja passado qualquer comboio.

Já não basta que Espinho «disfrute» de uma das piores Estações norte-nhas, sem quaisquer comodidades para os pagantes, com um abrigo na linha 2, que é o cúmulo da pouca vergonha.

Já não basta que na linha do Vale do Vouga se mantenha em pleno centro cidadão, uma pseudo-estação, afinal um autêntico barraco.

Já não basta que a secção de despachos da «grande velocidade», dada a sua localização, se torne absoluta-

tréplicas mais ou menos verbosas e engenhosas, para fogos de artifício oratórios.

Um edifício de apartamentos não se constrói para que os trolhas e outros trabalhadores aqueçam a pôr tijolos sobre tijolos, a pôr placas de cimento sobre colunas e estas por cima daquelas. Um edifício desses constrói-se com vista à gente viva que irá habitá-lo.

Assim a Democracia! Ou serve para guiar, canalizar a edificação do Socialismo, da maior fraternidade dos homens, de uma sociedade justa, livre e digna; ou serve para se remir em si própria, para que os chefes, chefinhos e chefões falem, falem, falem e tudo continue por fazer, e, neste caso... bolas para essa espécie de Democracia e para os demócrates para quem ela é suficiente!...

Democracia pela Democracia — não basta!

mente deslocada e incómoda para o turismo local.

Só faltava agora que o «digno» Chefe mandasse colocar massa consistente no topo do muro fronteiro para a rua 8, junto à linha descendente, onde as pessoas incautas poucam inadvertidamente os braços sobre aquela massa lubrificante, sujando os fatos, só porque o «digno» Chefe achou por bem que deveria mandar fazer aquele serviço, para evitar escaladas do muro! Franca-mente! Só em Espinho poderão acontecer peripécias destas, caricatas de sobejo.

Há dias, estávamos com uns amigos a despedir-nos de umas pessoas que iam embarcar para o estrangeiro, quando ao nosso lado se queixaram que tinham as mangas cheias de massa consistente! Surpresos, verificamos que não apenas naquele local estava o muro «lubrificado», mas sim noutros, também continham a referida massa!

Julgando tratar-se de qualquer brincadeira de pessoal negligente, procuramos avistar-nos com o respectivo Chefe da Estação a quem foi exposto a grave anomalia, mas... qual o nosso espanto, quando o aludido Chefe nos disse que ele próprio mandara colocar a massa consistente, a fim de evitar que saltassem o muro!

Bonita acção, sr. Chefe! Não sabemos se algum dia foi ao futebol. Se não foi, pois o «remédio» para o «crime», é o da vedação do muro a rede metálica a altura conveniente, ou... colocar-se um funcionário (eles agora são tantos) a apanhar os transgressores.

Assim com «lubrificações» não sr. Chefe. A roupa está por um preço que nem queira saber e o povo não se pode dar ao luxo de «limpar» o que o senhor mandou sujar.

Cuidado, senhores, com o muro «lubricado» junto ao abrigo da rua 8, que já tantos estragos tem causado nas pessoas que se debruçam nele a despedirem-se dos amigos que partem!

Que culpa terá o sôfrego público desta cruel perseguição que a C.P. lhe move em todos os campos, através de incompetentes pessoas à frente de quem estão confiados certos serviços, prejudicando simultaneamente uma localidade que se quer desenvolver mas depara com o desinteresse ou negligência dessas mesmas pessoas a quem competia cativar o público pagante e colaborar com o desenvolvimento de cada localidade, chamando a atenção das esferas superiores para a resolução dos problemas mais pertinentes?

Pois sr. chefe mande lá limpar o muro, porque o assunto pode tornar-se bastante melindroso, a menos que tome a expensas suas as despesas inerentes à limpeza dos vestuários manchados.

Mas que brincadeiras de mau gosto, ein?!

RESPONSABILIDADES PATERNAIS E A ESCOLA

Por VIRGÍLIO LACERDA

① Começou o novo ano lectivo e com ele os trabalhos para a massa estudantil. A mutação mais transcendente é para a arraia-miúda, para quem a vida até então se cifrou apenas em correr, rir e brincar.

Crianças há que passaram a meninice sem carinho e brinquedos, para não falar já «das sem pão». O fardo da vida para estas começou no infórtio de gerações anteriores a quem o mundo dito civilizado(?) esqueceu. Ironias dum mundo cão...

② As responsabilidades dos pais não desaparecem ou diminuem pela simples circunstância do seu rebento ter iniciado a vida escolar. Antes pelo contrário, quanto a nós, aumentam substancialmente na medida em que inocentes consciências ficam à mercê de milhentas rasteiras e traíções. Transferir a responsabilidade para os professores até com a simples e verdadeira atenuante de que a luta pela vida os absorve inteiramente, não é procedente.

Quem sofre e sente na carne os revezes dos filhos? Quem anseia primordialmente pelos sucessivos sucessos das crianças? Quem vive 24 horas por dia a vida dos jovens estudantes? Poderá uma criança abandonada defender-se das alucinantes tentações do mal? Mesmo prevenidos caem na lama, quanto mais inocentes crianças abandonadas a pobre sina...

③ Para além das convencionais responsabilidades, hoje em dia os pais tem de ter os olhos mil vezes mais abertos, tanto e tais são os vícios para que os seus filhos podem ser desviados.

O mundo refina dia a dia na variante e qualidade de aliciamento de fazer perder almas. Sanguessugas vigiam, a pequeno e longo prazo, a maneira de sacar presas junto de indefesas crianças. Aos antigos vícios acrescenta-se as importantes maleitas da droga, pornografia e quejandas e veja-se o inferno que rodeia as crianças de hoje.

④ O ano passado muito apesar de persistentes convites feitos aos pais dos alunos nas primeiras letras, só uma ínfima minoria respondeu ao chamamento e trabalhou para minorar certos males de que enferma o ensino primário. As comissões de pais em entreaajuda com os professores poderiam talvez colmatar muitas deficiências, mas, como, se se marcam reuniões a horas convenientes e eles, os pais, não aparecem?

Através de escolas, demover dificuldades inerentes à vida escolar, colaboração em actividades culturais, etc., encontrariam solução se interessadas comissões de pais trabalhassem com afinco para colmatar essas deficiências. O interesse é geral e já que só com a ajuda de todos será possível atingir rapidamente o número desejável para que a vida estudantil se processe tão regular quanto se pretende, faz-se uma chamada à consciência de todos os pais para que colaborem num assunto que directamente lhes interessa. Só com a ajuda da maioria, as deficiências podem ser resolvidas com o mínimo de sacrifício individual. Se ao invés só uma dúzia de pais corresponderem à chamada, o terreno a percorrer torna-se infundável e o seu esforço inglório. Que os responsáveis saibam corresponder à chamada...

QUANDO MORRE UM POETA

(Homenagem póstuma ao Poeta Carlos Morais)

**Quando morre um Poeta!
O Povo perde um amigo,
o Mundo fica mais pobre,
mas nasce uma estrela no Céu.**

Após a morte do Poeta Carlos Morais, cumpria-me escrever umas palavras sobre a triste efeméride, que aliás tinha em mente, visto o desaparecimento da vida cultural de Espinho do Poeta Carlos Morais, representar uma perda no seu património espiritual. Aquilo que pretendia dizer e que agora publico, já de longa data estava veiculado no meu pensamento. Porque, as homenagens não se improvisam, são actos conscientes de reconhecimento e gratidão.

Conheci pessoalmente o Poeta Carlos Morais, na altura em que tinha terminado a II Guerra Mundial. Escrevi, então, um artigo intitulado «O Despertar da Paz» para ser publicado neste jornal. Estávamos em princípios do ano de 1945. O director da «Defesa de Espinho», Sr. Benjamim Dias,

chamou-me à redacção e disse-me: — Sabe, neste seu artigo encontro uma ou outra deficiência gramatical, pelo que gostaria que fosse submetido à apreciação do Sr. Carlos Morais, se não se importa, Claro que não, respondi-lhe, e ao mesmo tempo, per-

Por ÁLVARO BAPTISTA

guntava-lhe se o Sr. Carlos Morais dispensaria a amabilidade de me atender. — Com certeza que o atende. E assim sucedeu. No dia seguinte, pelas 9 horas da noite, apresentei-me em casa do Sr. Carlos Morais, que nesse tempo residia numa vivenda, na rua 8, junto à Casa de Saúde de Espinho. Timidamente, bati à porta e fiz-me anunciar. Pouco depois, encontrava-me no gabinete de trabalho e na presença do Poeta Carlos Morais. Entre nós, distava uma gran-

(Continua na pág. 9)

Ninguém tem direito a ser mal-educado

Vi, em Repartição que trata de assuntos respeitantes ao Ensino, um Crucifixo, colocado a meio de parede, ostentando uns óculos pendurados como objecto em cabide.

Por LALA

E não gostei. E não saí da Repartição sem ter manifestado o meu desagrado ao funcionário que nela se encontrava. «Brincadeira de um colega», me informou, sorrindo à sua maneira, e deixando que continuassem os referidos óculos a apontar, a quem nelles reparasse, a falta de respeito, de civilidade, de dignidade que ali existia.

Cristo, na Cruz, nada de mau ou de desrespeitoso poderá ditar, mesmo aos corações menos crentes.

A Cruz, se nem a todos fala de devoção e ternura, a ninguém deverá de infundir o maior respeito.

E querem os homens a paz e o amor, o bem-estar e a felicidade!



Camara Municipal do Espinho
Rua -19
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO